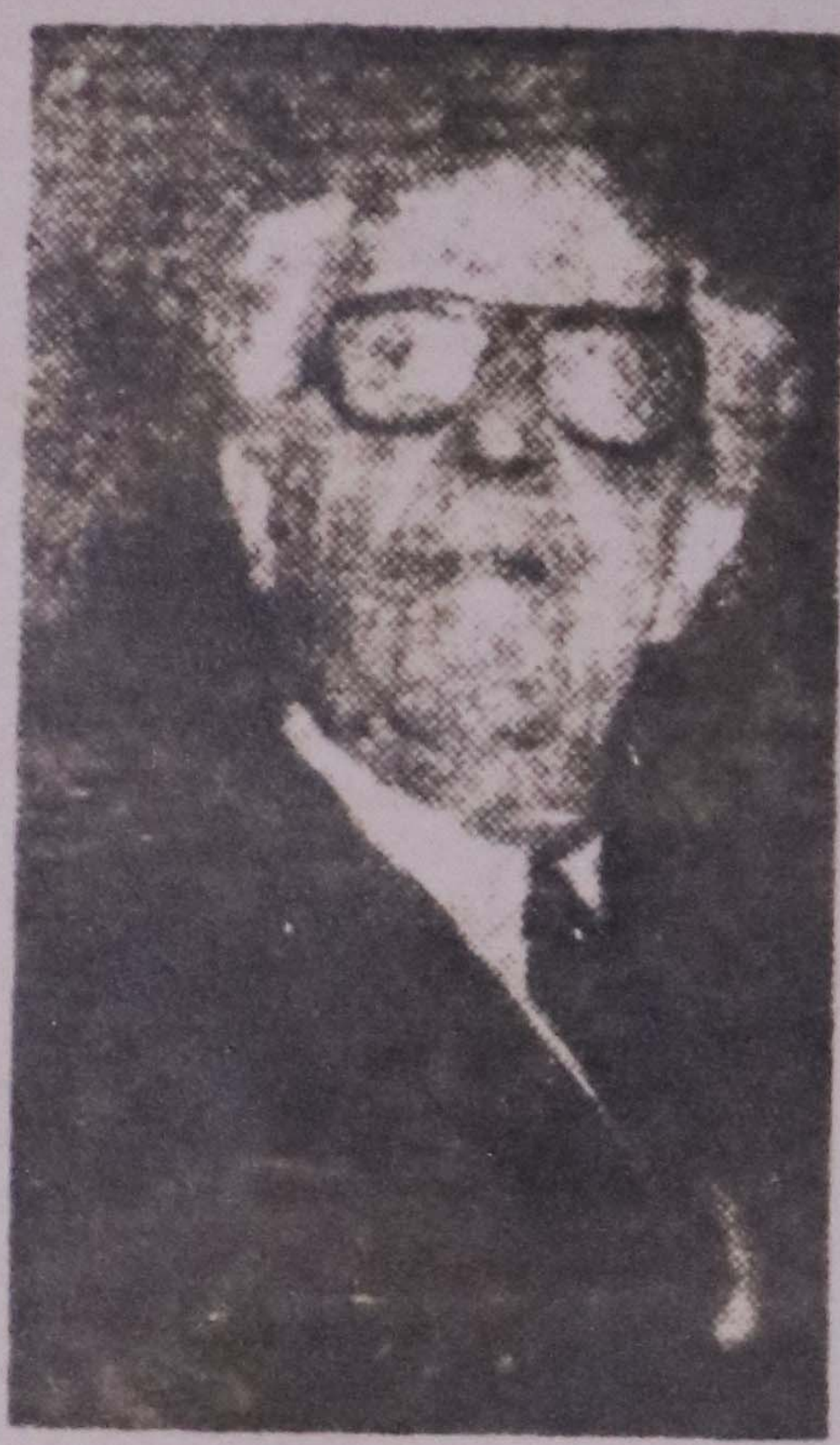


ALEXANDRE

LEVY

NA A.P.L.



A Academia Paulista de Letras viveu uma bela noite, dedicada à memória de Alexandre Levy. Inicialmente, usou da palavra o musicólogo Veiga Oliveira que discorreu sobre a mensagem artística do grande compositor paulista. A seguir, a cantora Maria da Glória Martins de Souza interpretou alguns números de seu repertório e Eudoxia de Barros desfilou pelo teclado as mais belas composições daquele que iluminou com o sol de sua mocidade e de seu gênio a paisagem de nossa terra nos fins do século passado.

Fechando a noite de arte com a inteligência Ibrahim Nobre pronunciou magnífica palestra sobre a vida, paixão e obra de Alexandre Levy. Foi um momento de emoção e de beleza esse evocar do passado. O tribuna de 32 teceu um hino de amor à nossa História, chamando para o convívio daqueles que tiveram a felicidade de estar presentes àquela noite de saudades, damas, artistas, beirais, ruas de antanho, perfis da cidade adolescente. Tudo isso sob a presença encantadora da música e da figura de Alexandre Levy.

Arquivo publica
do jornal de S Paulo,
de 1900

MUSICA

O GOVERNO SEMPRE FEZ ALGUMA COISA PELA MÚ- SICA SÉRIA...

Deus seja louvado! Bemdito
Nosso Senhor Jesus Christo!

Até que enfim o nosso gover-
no resolveu fazer alguma coisa em
favor da musica séria!... Quan-
do dizemos *musica séria* não nos
referimos, está claro, áquella que
se pratica na Europa e que, ha
muito tempo, possui todos os re-
quisitos da "seriedade", naquelles
bellissimos paizes cultos. Não.
Falamos da *nossa*, daquella que se
alheia da dengosidade das *már-
chinhas* e da sensualidade caprina
dos *sambas-carnavalescos*. Da
musica... musica!

Afinal, realizou-se o milagre!

O ministro da Educação (ou al-
guem por elle; veremos adeante
quem foi esse "alguem") tomou
a deliberação de fazer gravar al-
gumas obras typicas e de feição
nitidamente brasiliense, quando
não "nacional" — mas sempre
interessante — pelos nomes glo-
riosos ou laureados dos seus au-
tores. Essas composições, assim
escolhidas, sob o ponto de vista de
um criterio patriotico, foram gra-
vadas para servir de propaganda
da *musica brasiliense* na Exposi-
ção Internacional de Nova York
e, esperemos, serão ainda repro-
duzidas e espalhadas pelo mundo
inteiro, o que é mais essencial,
afim de dar a conhecer aos povos
que não nos conhecem — e são
quasi todos — que o Brasil não é
esse *pays de lá-bas*, mixórdia de
metecos e de "rastacueros", no-
mes com que, em geral, nos gra-
tificam as populações europeas...

A iniciativa meritoria do minis-
tro Capanema foi levada a effei-
to, organizada e dirigida pelo
maestro Francisco Mignone, re-
gente internacional e elle proprio
compositor de obra copiosa e va-
liosissima.

A gravação, realizada aqui mes-
mo, com orchestra formada espe-
cialmente para esse fim com os
melhores elementos que possuímos
no nosso meio artistico, teve re-
sultado que pôde ser tido como o
mais auspicioso possivel.

Mignone não só preparou o pro-
gramma como dirigiu elle proprio
todos os ensaios até ás provas fi-
naes, com aquella meticulosidade
admiravel que elle põe na expres-
são e no colorido orchestraes.

Regra geral as gravações pho-
nographicas eram detestaveis. As
primeiras, então, quando os pro-
cessos ainda não estavam aper-
feiçoados, constituíam verdadeiros
attentados, arremedos humoristi-
cos das obras que queriam repro-
duzir. Basta dizer que nem podla-
mos reconhecer o som dos instru-
mentos e apenas, de quando em
vez, sómente a voz humana con-
seguia imitação apenas soffrivel.

Felizmente, essa phase de ex-
periencias rudimentares já pas-
sou. E, se ainda não alcançamos
a perfeição absoluta — o que se
nos já attingimos a um gráo re-
nos já attingimos a um gráo re-
lativo de perfeição que parecerá
louvavel até ao proprio Eins-
tein... que é o homem da relati-
vidade.

Na gravação das musicas brasili-
enses que ouvimos, sabbado ul-
timo, no cosidetto mobiliario
acustico de Francisco Mignone, lá
nas alturas paradisiacas do seu
arranha-céo, só podemos elogiar
o trabalho da elaboração e da
mise-au-point que o eminente mu-
sico patricio soube dar áquellas

paginas tão variadas e algumas
de sabor até regionalista.

A escala dos sons (milagre!)
é de uma pureza, de uma egual-
dade, de uma homogeneidade qua-
si perfeitas. Desappareceu a "fa-
nhosidade" chronica e irritante da
victrola... Percebe-se os instru-
mentos (até o contrabaixo) com
nitidez e suavidade incompara-
veis. E' um *tour de force*!

Evidentemente, a convenção
phonographica persiste. O que ou-
vimos não é *exactissimamente* a
sonoridade de uma orchestra.
Mas, parece-se tanto, illude tan-
to, que somos tentados a acredi-
tar que seja mesmo uma orches-
tra escondida dentro daquelle pe-
quenino movel demoniaco. A il-
lusão é perfeita, porque Francis-
co Mignone, entusiasmado com a
sua obra, dirige a invisivel or-
chestra, com aquelles seus gestos
suggestivos que procuram attrair
ou afastar os sons, que os encer-
ram nas palmas da mão, que os
deixam escapar pelos dedos, com
força, arrebatamento ou carinho,
como se estivesse movendo magi-
camente as ondas de um gigan-
tesco Theramin...

São estas as obras gravadas pa-
ra a edificação dos yankees e dos
outros povos da estranja:

Carlos Gomes, "Alvorada do
Schiavo"; Symphonias do "Sal-
vador Rosa" e da "Fosca"; Bal-
lados do "Guarany".

Francisco Braga, "Variações
Symphonicas sobre um thema bra-
siliense"; "Episodio Sympho-
nico".

Alberto Nepomuceno, "Suite
Brasiliense" (4 tempos) "Ouver-
ture" do "Garatuja".

Henrique Oswald, "Barcarolla"
Alexandre Levy, "Samba".

Villa Lobos, "A lenda do Ca-
boclo"; "Canção Moura"; "Ba-
chianas Brasilienses", ns. 1 e 2.

Lorenzo Fernandez, "Imbapá-
ra", "Batuque".

Camargo Guarnieri, "Toada á
moda paulista", "Ponteio", n. 1.

Francisco Mignone, "Fantasia
Brasiliense", n. 3, para piano e or-
chestra, solista Tomás Teran; "Ca-
teretê"; "Cucumbysinho"; "Lenda
Sertaneja", n. 7; "Miudinho";
"Nazareth" e "Toada".

Radamés Gnattali, "Fantasia
Brasiliense".

E' de esperar que esse trabalho
intelligente prosiga.

Será o caminho mais seguro
para que o sr. Gustavo Capane-
ma se torne benemerito da pa-
tria. — JIC

cinados, não prejudiquem o brilho e natural cavalheirismo existente no football sul-americano, e as fraternas relações sportivas entre as duas nações.

AS DECLARAÇÕES DO PRESIDENTE DA ENTIDADE

Buenos Aires, 23 (U. P.) — Depois de ter sido resolvido o regresso a Buenos Aires, a bordo do "Cap Arcona", do selecionado que no Rio de Janeiro disputou a Copa Roca, o sr. J. C. Scala, presidente da Associação de Football Argentino, fez as seguintes declarações acerca dos incidentes que se verificaram no stadium de São Januario, minutos antes de terminar o match de hontem:

"Lamento os acontecimentos que se verificaram, impedindo preencher as finalidades da Copa Roca no sentido do estreitamento dos vinculos de amizade entre os dois paizes americanos.

Sinto com profundo pezar que tenha reinado a confusão durante o match, tornando desagradavel o ambiente, e sou de parecer que a resolução adoptada pela Associação é a mais conveniente nestes momentos de máo entendimento.

Causaram-me verdadeira felicidade as informações recebidas, as quaes demonstram que os argentinos conservaram a serenidade e disciplina tão necessarias nestas manifestações sportivas.

Quanto ao resultado do match, mantenho o criterio de que o mesmo finalizou com um empate de dois goals, ao menos no aspecto moral, pois reconheço que ao se retirar o team, prevaleceu a adjudicação effectiva desse score.

Estamos firmemente decididos a impedir que este infeliz acontecimento empane as boas relações e o apreço que nos une ao Brasil.

Provavelmente com esse objectivo, o conselho decidirá que não intervenha no campeonato nocturno a equipe brasileira, pois a presença de jogadores cariocas em Buenos Aires poderia reavivar o mal estar entre os afficionados e dar margem a demonstrações hostis, o que seria lamentavel, se occorressem."

"LA RAZON" ESTA' COM A RAZÃO

Buenos Aires, 23 (U. P.) — Todos os jornaes reservam muitas columnas para as noticias complementares referentes ao accidentado jogo hontem disputado no Rio de Janeiro pela Taça Roca, sendo que alguns accusam os jogadores brasileiros, da mesma forma que os jornaes carioca accusam os argentinos.

"A attitude aggressiva dos jogadores brasileiros e a cumplicidade do arbitro deram origem ao escandalo", este é o titulo que encima um artigo assignado da "Critica". O articulista diz que os brasileiros ganharam a partida "de accordo com o original criterio de acreditar que se pôde assignalar um goal, ainda que de "penalty" sem que se encontre em campo a equipe adversaria. A interpretação universal das leis do jogo, como é natural, não pôde permittir que se continue jogando um match quando no terreno se encontra apenas um dos teams.

"Tratando-se da retirada de um quadro, pode-se considerar vencedor o que fica em campo, pelo

considera preferivel adiar a realização da terceira partida, que devia ser jogada quarta-feira, 25, e em consequencia assim se fez saber á sua delegação, para que entre em accordo nesse sentido com as autoridades da Confederação Brasileira de Desportos."

OS BRASILEIROS NÃO IRÃO AO TORNEIO NOCTURNO

Buenos Aires, 23 (U. P.) — Em palestra com os representantes da imprensa, o sr. J. C. Sclar, presidente da Associação de Football Argentino, declarou que os brasileiros não participariam do campeonato nocturno — no qual jogarão argentinos e uruguayos — para evitar possiveis manifestação de hostilidade resultantes dos incidentes verificados hontem no Rio de Janeiro, no segundo tempo do segundo match em disputa da Copa Roca.

ORDEM DE REGRESSO

Buenos Aires, 23 (U. P.) — (Urgente) — A Associação Argentina de Football autorizou o regresso a Buenos Aires, pelo "Cap Arcona", da delegação que foi ao Rio de Janeiro disputar a Copa Roca.

OS PERUANOS LAMENTAM O INCIDENTE

Lima, 23 (Havas) — "El Comercio" commentando o jogo de football realizado hontem no Rio de Janeiro, em disputa da "Copa Rocca" diz que não ha duvida sobre o valor de ambas as equipes, o que aliás já fôra demonstrado no ultimo campeonato realizado em Buenos Aires mas que deveria ter sido escolhido um terreno neutro para a disputa desse jogo. "El Comercio" acrescenta que se tivessem ido á Lima brasileiros e argentinos não estariam agora lamentando os incidentes que tanto deslustram a historia do football em ambos os paizes.

A ACÇÃO DO SR. LUIZ ARANHA

Buenos Aires, 23 (U. P.) — O sr. Luiz Aranha, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, falando pelo telephone ao sr. Liberti, presidente do Club River Plate e organizador do campeonato internacional nocturno, pediu-lhe para deixar em suspenso a vinda de um combinado brasileiro para participar do referido torneio de football, ao que accedeu o sr. Liberti.

O pedido do sr. Luiz Aranha teve logar durante uma conversação telephonica fixada originalmente para que elle informasse a respeito da composição do combinado brasileiro.

Ambos os presidentes se referiram aos incidentes do jogo de hontem, tendo explicado o sr. Luiz Aranha que o sr. Dario Drago, presidente da delegação argentina, leva toda a classe de explicações e desculpas, de forma bem detalhada, e que jámais pensou occorrerem incidentes, pois se fossem esperados, teriam sido tomadas todas as medidas requeridas pelo caso.

O sr. Luiz Aranha communicou, ainda, que por estes dias a Confederação Brasileira de Desportos dará toda a classe de explicações a AFA e aos afficionados da Argentina.

Um hydro-avião britannico em dificuldades na Corsega

Marselha, 23 — (Havas) — Um hydro-avião britannico acha-se em dificuldade na Corsega. O jornal "Pequeno Provençal" annunciou, com effeito, que o centro de Marignane interceptou varias chamadas procedentes do aparelho britannico que affirma estar perto de Bastia, na lagoa de Bigaglia. Trata-se de um aparelho pertencente á linha das Indias e que tinha deixado Brindisi esta manhã, ás 6 horas. O hydro-avião leva a bordo cinco homens de tripulação e quatro passageiros.

Os navios de pesca puderam difficilmente se approximar delle para reabastecer de gazolina, porque o vento oeste soprava violentamente. De tarde, o vento tendo augmentado, o aparelho não pôde partir. Então os pescadores tomaram medidas para que os passageiros e tripulantes passassem para bordo de seus navios e se dirigissem a Bastia.

Navio do século XVIII descoberto em Israel

FORD (Inglaterra), já — O que se acredita ser navio de guerra turco do XVIII foi descoberto numa expedição anglo-israelense sob 10 metros de água na entrada da baía de Acre, no litoral de Israel, perto de Haifa.

Esse foi o coroamento de uma expedição de três semanas financiada pela Fundação Wolfson, da qual participou o dr. Edward T. Hall, diretor do Laboratório de Pesquisa de Arqueologia aqui sedado.

Os restos da embarcação foram encontrados quando a expedição fazia o levantamento de antigas fortificações submersas de Acre. O navio mede cerca de 60 metros de comprimento e estava coberto de lodo.

Alexander Flinder, secretário do British Sub-Aqua Club, e uma equipe de seis mergulhadores israelenses tiraram do navio objetos de bronze e considerável quantidade de pranchas de madeira. O fato de serem de pinho as pranchas e o tipo de ligadura usado indicam que o navio é quase certamente uma belonave turca mais ou menos de 1675.

A descoberta foi feita ape-

nas dois dias antes do regresso dos membros britânicos da expedição. Mergulhadores e arqueólogos israelenses estão continuando a investigação com vistas a uma operação de maior alcance.

No litoral de Israel, a expedição passou três dias ao largo de Ashdod, procurando em vão um navio cananita do começo do segundo milênio antes de Cristo. Pescadores haviam trazido à superfície 18 anforas (jarros de louça altos e com duas alças, usados para vinho e azeite), que arqueólogos identificaram como sendo daquele período. A área em que se encontram os restos do navio foi limitada, abrindo o que se acredita serem boas perspectivas para sua futura descoberta.

O dr. Hall usou seu próprio iate para experimentar um novo tipo de magnetômetro que detecta anomalias metálicas no leito do mar. O aparelho funciona de maneira bastante semelhante a um instrumento hoje muito usado por arqueólogos em terra, com a diferença de ser rebocado em um recipiente em forma de torpedo e transmitir seus dados a instrumentos de gravação no iate. (Science Service)

EFEMERIDES

Alexandre Levy



A 17 de janeiro de 1892 faleceu em São Paulo o compositor Alexandre Levy, nascido naquela cidade a 10 de novembro de 1864. Descendente de suíços e franceses, foi um dos precursores da nossa música nacionalista.

Em 1887, deixou o Brasil a fim de aperfeiçoar seus estudos em Paris, com Durand e Saint-Saëns. Nostalgico da terra natal, criou certo dia em Paris algumas variações sobre o tema popular "Vem Cá Bitu" que se celebrizaram mais tarde. De regresso a São Paulo, fez ressurgir o Clube Haydn, que fundara antes de sua partida e que era um centro de iniciação dos paulistas no conhecimento dos grandes compositores. Datam dessa época (1887) cinco peças suas, a saber: "Trois Morceaux", "Doute", "Amour Passé", "Coeur Blessé" e "Allegro Apassionato", esta para piano. Em 1889, concluiu a "Sinfonia" que começara a compor em 1886. Compôs ainda "Hino ao 14 de Julho", "Cantata", "De Mãos Postas" e "Almons", para piano e canto; "Tango Brasileiro", "Comala", poema sinfônico, "Suiça Brasileira" e as "Schumannianas", para piano.

17 de janeiro

Na estrada
ou na cidade
o que vale
é a qualidade



BATERIA SATURNO
- é energia tãda vida!

ar lei

LINHA DE ATAQUE

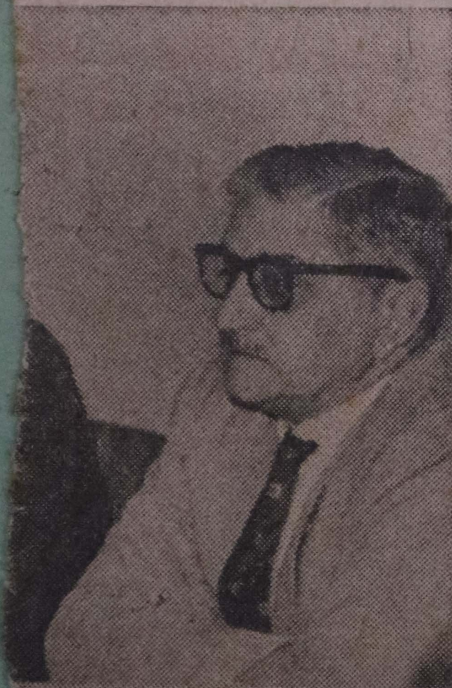
A. Mendes

Nem bonito de admirar nem feio de espantar

A Portuguesa de Desportos vem mostrando eficiência e firmeza para cumprir o programa que traçou visando a renovação do seu elenco. Já efetuou algumas transações e, entre elas, as de Almir e Edilson, com o São Paulo.

Cedeu aqueles dois jogadores pela importância de 200 milhões de cruzeiros e o negócio parece ter sido bom para as duas partes. Edilson, ainda jovem e em condições de brilhar, foi apontado há algum tempo como um dos melhores laterais-esquerdos do nosso futebol. Almir, embora não desfrute de cartaz igual, sempre atuou razoavelmente. É um jogador "nem bonito de admirar, nem feio de espantar", mas que não deixa a peteca cair do lado dele.

Tanto Edilson como Almir, por razões que não os comprometem irremediavelmente, tornaram-se incompatíveis com a Portuguesa. A única saída possível era a que se deu. Os jogadores poderão servir muito tempo dentro do clube de Desportos, re-
preenche-
re-



Cariocaer und paulistaner Erinnerungen aus den 80er Jahren

Von Alexander Haas

Zu den Zeiten des Kaiserreiches gab es hier wenige deutsche Häuser wo nicht ein Bild des alten Kaisers Wilhelm vorhanden war. Vielfach entsprach es einem Gebrauch oder handelte es sich um ein Erbstück, das als Dekoration diente. Irgenwo in der Nähe sah man dann auch den „Lahra, Hinkender Bote“-Kalender, die „Gartenlaube“, oder die zwei Gipsfiguren von Müller und Schulze, die der alte Berliner „Kladderadatsch“ verewigt hat. Nie ist jemandem eingefallen, um das Wie oder Warum des Bildes zu fragen. Herrliche Zeiten, wo Eintracht zwischen den verschiedenen in Rio und São Paulo lebenden ausländischen Kolonien bestand. Man denke sich, dass ein Verein wie der hiesige „Club Germania“, so um 1872 herum als Leiter seines Gesangschores einen Erzfranzosen, Gabriel Giraudon hiess er, hatte! Carlos de ~~Wart~~ hat über diese Eintracht, Rio 1870-71 betreffend, eine schöne Chronik hinterlassen.

Im Hause unserer Eltern befand sich auch ein Bild des Kaisers, von den Bildern aller anderen deutschen regierenden Fürsten umschmückt. Von unserer Grossmutter haben wir öfters gehört, dass das Bild des Kaisers Segen und Glück für das Haus bedeuten würde!

In seinem Roman „O Chromo“ (Rio, 1888), erwähnt Horacio de Carvalho das Bild des Kaisers, das jahrelang hier im Nebentübchen des „Raben“ hing. Im Kapitel über den „Raben“ steht, (Seite 457), folgendes: „Da war der ausgewählte Punkt. Ein grosser Tisch, mit noch einem anderen, seitwärts verbunden, war für die Stammgäste vorbehalten. An den Wänden alte Anzeigen von deutschen Fabriken, von Bieren, Schiffahrtsgesellschaften und eine Karte der Provinz. Links, im Holzschnitt, von Fahnen umhüllt, ein grosses Bild des verstorbenen Königs Wilhelm, eine Lithographie Bismarcks und die herrliche Büste von José Bonifacio, gezeichnet von Decio Villares. Unter dem Bilde König Wilhelms stand der Spruch „Mensch ärgere dich nicht“.

Der „Rabe“ war Jahrzehnte hindurch der Anziehungspunkt der Studenten. Wir haben schon über diese alte Gastwirtschaft São Paulos in dieser Zeitung berichtet. Ihr Besitzer hiess Heinrich Schomburg. Sie befand sich in der alten Rua do Ouvidor, (heute José Bonifacio), gegenüber dem Hause der „Perfumaria Lopes“, das noch heute den Erben Schomburgs gehört. Zu den Stammgästen des „Raben“ zählt der Roman den Lehrer Berthold Brack, der nur singend sprach, Lehrer Otto Gladosch, der die schnellen Züge liebte, den alten Profssor Carl Müller und Becker, von der Maschinenabteilung des Hauses Victor Nothmann, den wir so gerne, wie ja alle Kinder damals, in seinem Kasperl-Theater sahen. Weiter erwähnt der Roman, als Stammgäste die Brüder Hülle, von denen einer ein begeisterter Anhänger der Philosophie Büchners war.

Auch Gottlieb Mehls Schenke „Zum trauigen Esel“, in der ehemaligen Rua da Esperança, besass ein Bild des alten Kaisers. In dieser Wirtschaft verkehrten gerne Daniel Heydenreich, Lehrer Wilhelm Kraemer, Hermann Haas, Heinrich und andere.

Manche Leute schätzten das Bild sehr, wie es z. B. bei Berthold Goldschmidt, (Professor des Kaiserl. Kolleg D. Pedro Segundo, 1852-90), der Fall war. Er war zwar eingebürgert, aber seine Verehrung für den alten Kaiser blieb. Noch in seiner Todesstunde gab er den Beweis des heiligen Zusammenhanges der zwischen zwei Polen — Wiege und Grab — liegt In unseren Aufsatz über die Anfänge der Deutschen Presse in Süd-Amerika („Deutsche Zeitung“, April 1916), haben wir über seinen „Deutschen Beobachter“ (Rio 1853) referierend, auf diesen ganz besonderen Fall hingewiesen. Von diesem Manne ging die Anregung aus, dass ein Bild des grossen brasilianischen Malers Pedro Americo, als Geschenk für Kaiser Wilhelm bestimmt werden sollte. Es war ein weiblicher Akt. Pedro Americo hatte es D. Pedro zugedacht. Aber es kamen, vom Hofe aus, Bedenken dagegen. So kam es schliesslich doch in die Hände eines Königs und späteren Kaisers, der es gern aufnahm und seinen Schöpfer

Aus einem Brief von Dr. Henrique Samico, Schwiegersohn Saldanha Marinhos, an uns gerichtet, August 1917, wissen wir, dass Pedro Americo Schüler des Barons von Tautpheus gewesen ist, in dessen Kolleg er und andere Kollegen die Wände bemalten! Samico, gleichfalls Schüler des Kollegs, bezeugte uns, dass Tautpheus dazu einfach sagte: „Die Zukunft Brasiliens liegt in der Kunst!“ — Noch im „Kolleg D. Pedro Segundo“ konnte Pedro Americo von seiner Passion, Wände zu bemalen, nicht lassen. Im letzten Jahresbuch des Kollegs, (neulich erschienen), erwähnt D. Leão de Aquino einen solchen Fall, der dazu führte, dass Americo, im Kolleg, Dom Pedro vorgeführt wurde! Er hatte die Karikatur des des Kaisers gezeichnet, der gerade der Stunde beiwohnte. Doch die Saché nahm zur Enttäuschung des Denunzianten, ein gutes Ende. Der Kaiser nahm den jungen Maler unter seiner Gunst und sorgte für seine künstlerische Ausbildung. Luis Keller, der in Brasilien lange umhergereist ist und die sogenannten „Lebenden Bilder“ vorführte, kannte die Odyssee des erwähnten Gemäldes und das Modell, das dazu gedient hatte. Luis Keller war Schwiegervater des Malers August Off, (geb. Berlin, 1838; gest. Rio, 1883). Keller endete seine alten Tage im hiesigen Kloster São Bento, zur Zeit des Abts Ascensão Moreira. Viele alte Einwohner São Paulos dürften sich noch an Luis Keller erinnern.

Von den letzten Feierlichkeiten in Rio und São Paulo für den greisen Kaiser, wollen wir nur drei erwähnen. Als erste die Feler in Rio bei Gelegenheit des 90. Geburtstags des Kaisers. Die „Revista Illustrada“ (Rio, 31. März 1887) brachte einen Aufsatz aus der Feder ihres Redaktionssekretärs Fritz Harling, worin das schon in aller Frühe unternommene lengrosse Picknick im Botanischen Garten welches die deutsche Kolonie Rios am Geburtstage veranstaltete, hervorgehoben wurde. Alle Schüler der deutschen Schulen nahmen daran teil. Abends, im Theater Polytheama, gab es eine feierliche Zusammenkunft, woran alle deutschen Vereins Rios teilgenommen haben. Die Ehrungen für den Kaiser waren das Feierlichste, das man sich denken kann. Nach den Reden wurde ein grossartiger Ball gegeben. Alle Zeitungen Rios hatten ihre Vertreter geschickt. Die deutsche Kolonie sandte an Dom Pedro II. in Petropolis ein Telegramm, ihm zu seiner Genesung beglückwünschend. Es sei hier noch gesagt, dass die „Revista Illustrada“, vom Zeichner Angelo Agostini, 1888, die Bilder der zwei verstorbenen Kaiser Wilhelm und Friedrich, brachte. Eine prachtvolle Zeichnung des Prinzen Heinrich, mit humorvollen Beigaben, von Angelo Agostini, erschien auch 1883, im genannten Blatte.

Ein Jahr, später kam es Baron von Tautpoeus zu, im „Club Germania“ zu Rio, die Gedächtnisrede für den verstorbenen greisen Kaiser zu halten. Wo noch hätte eine solche Trauerfeier übertreffen werden können?! Sollten die Worte die der grösste deutsche Gelehrte, der in Brasilien ansässig blieb, verloren gegangen sein?!

Die Hauptfeierlichkeit, in São Paulo, zum Tode des grossen Kaisers wurde in der grossen Freimaurerloge, in der Rua de Tabatinguera, abgehalten und zwar am Abend des 22. März. Die Gedächtnisrede hielt der alte Dr. Albert Kuhlmann. Der musikalische Teil lag in Händen des paulistaner Kapellmeisters Alexander Levy. Zum ersten Male führte damals dieser leider so früh verstorbene Musiker seine „Marcha solenne“ vor. Die Begeisterung, die Ernst Heincke, Heinrich Stupakoff und andere Herrn vom Gesangsverein Mendelssohn danach ergriff, liess in ihnen den Entschluss reifen, die deutschen Opern „Stradella“ und „Martha“ mit den hier vorhandenen deutschen Elementen, unter der Regie Alexander Levy, aufzuführen. Nach nicht langer Zeit geschah es auch und wurden die Opern, mit Wiederholungen, im alten Theatro São José gegeben. Aus Santos und den Innern waren Leute gekommen, nur um dem künstlerischen Geschehnis beizuwohnen. Beim Ende jeder Vorstellung sagte immer die liebe feinsinnige Martha Wegner (eine Mitwirkende), dass sie nicht genug Blumen haben könnte um damit den jungen Kapellmeister zu überschütten! Von einem Akt einer der beiden Opern existiert ein herrliches grosses Lichtbild. Im Hans-Stein-Verein befindet sich ein Exemplar davon, das da jedem, der sich für das Deutschtum Alt São Paulos interessiert, gerne gezeigt wird.

*A unica nota sobre a
„Marcha solenne“ de
Alexander Levy que
se conhece, é esta.*

*Teria sido composta
em memoria do
Imperador Guilherme I?*

22/3/88

20.00 INSTITUTO GOETHE - Auditório - Rua Lisboa, 974 - Tel.: 280-4288
Festival Música Nova 1992 - Recital de Claudio Cruz - violino e **Rubens Ricciardi** - piano. Programa: S. Hartke - Caoine; C. Santoro - Elegia; E. Krieger - Sonâncias II; R. Ricciardi - Música para a reinauguração do Teatro Pedro II. Realização: Secretaria de Estado da Cultura e Sociedade Ars Viva. Entrada franca.

20.00 TEATRO PROFA. LAURA MARIA MONTEIRO ABRAHÃO - FASM
Coral da FASM (alunos de regência) - *Grupo Vocal Farrambamba*. Regente: *Naomi Munakata*. No programa obras de Hindemith, Thompson, Poulenc, Elgar, Millhaud e Rautavaara. Entrada franca.

20.30 MASP - Grande Auditório
Madrigal Musicaviva. Regente: *Marcos Julio Seragl*. No programa obras de autores italianos do século XIX. Programação: Departamento de Teatros da Secretaria Municipal de Cultura. Ingressos: Cr\$ 12.000,00 e Cr\$ 6.000,00 (estudantes).

20.30 TEATRO POPULAR DO SESI
Recital de Piano: Marlys Lopes Gatto. Programa: A. Napoleão - Romance op. 71 n° 1; L. Levy - 1ª rapsódia brasileira op. 17 bis; A.T. Nogueira - Serenidade e Choro n° 7 (dedicadas à pianista - 1ª audições mundiais); A. Vieira - Jeux Sauvages; O. Lacerda - Sonata para cravo ou piano e A. Prado - Balada n° 2 - Shirá Israeli. Convites grátis na bilheteria do teatro.

21.00 TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
Orquestra Sinfônica Municipal e Aprile Millo - soprano. Regente: *Eugene Kohn*. Programa: Wagner e o Verismo. Ingressos:

21.00 TEATRO CULTURA ARTÍSTICA
Temporada Internacional. **Orquestra de Câmara de Viena**. Regente: *Philippe Entremont*. Programa: Schubert - Danças Alemães D. 89; Hindemith - 4 Temperamentos para piano e orquestra; Tchaikovsky - Serenata para orquestra de cordas. Realização: Sociedade de Cultura Artística. Ingressos:

21.00 SALA SÃO LUIZ
Grandes Recitais: **Quarteto Takacs**. Programa: Haydn - Quarteto em sol maior op. 77 n° 1; Bartok - Quarteto n° 1 op. 7 e Beethoven - Quarteto em dó maior op. 59 n° 3 'Razumowsky'. Ingressos:

19.40 TEATRO CULTURA INGLESA
Vera Figueiredo e Banda. No programa composições de Vera Figueiredo, Bruce Scott, Maurício Marques e Dizzi Gillespie. Entrada franca.

26
QUA

20.00 INSTITUTO GOETHE - Auditório - Rua Lisboa, 974 - Tel.: 280-4288
Festival Música Nova 1992 - Grupo Novo Horizonte. Regente: *Graham Griffiths*. Programa: R. Victorio - Bereshith; M. Dottori - Largo; S. Ferraz - Entre vozes, gestos e pássaros; E.G. Álvares - Petula Petulância; H. Crowl - Finismundo. Realização: Secretaria de Estado da Cultura e Sociedade Ars Viva. Entrada franca.

20.30 TEATRO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Madrigal Musicaviva. Regente: Marco Júlio Sergl. No programa obras de Monteverdi, Rossini, Villa-Lobos, Mozart, negro-spiritual, canções populares e outras. Entrada franca.

21.00 SALA SÃO LUIZ
Ciclo de Música de Câmara de Schubert - **Quarteto Takacs.** Programa: Quarteto nº 12 'Quartettsatz' D. 703; Quarteto nº 13 op. 29 em lá menor D. 804 e Quarteto nº 14 em ré menor D. 810 'A Morte e a Donzela'. Ingressos:

27
QUI

20.30 ESPAÇO MUSICI - Sala Prof. João Dias Carrasqueira
Série Musici 10 anos. **Quarteto de Clarinetes de São Paulo.** Programa a ser determinado. Ingressos:

21.00 TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
Recital da soprano Aprile Millo com Eugene Kohn ao piano. Programa a ser determinado. Ingressos:

21.00 UNIÃO CULTURAL BRASIL-ESTADOS UNIDOS - Auditório
Rua Cel. Oscar Porto, 208 - Tel.: 885-1022
Mi Buenos Aires Querido - com *Bina Rossel* e seu grupo. Entrada franca.

21.00 CÍRCULO ITALIANO DI SAN PAOLO
Av. São Luiz, 50 1º andar - Tel.: 257-1322
Evocação - **Recital de Canto e Piano:** *Alberto Barberis* e *Marco Antonio Bernardo*. Programa: Tangos argentinos da época de Gardel e canções italianas. Entrada franca.

28
SEX

20.30 AUDITÓRIO SOUZA LIMA
Programada do Movimento Poético Nacional. Coordenação: Jacinta Karelisky. Entrada franca.

21.00 SALA AYLTON ESCOBAR - CMBP
Recital de Violão: *Flávio Apro* (ECA-USP). No programa obras de Scarlatti, Sor, Giuliani, Villa-Lobos e Brouwer. Entrada franca.

CUMPRIMENTOS

Faz hoje annos o velho e estimado negociante desta praça sr. Henrique Luiz Levy, que ha longos annos é nesta cidade um propugnador da musica.

O velho Levy, como todos o chamam, póde ser que seja avançado em primaveras, mas o seu aspecto viril, a sua barba sempre feita, bigodinho arranjado e o elegante pinca-nez, fazem-n'o um rapaz ás direitas e ninguem de momento, póde garantir que já tenha feito... 25 annos !!

SEÇÃO

reito em não acceltarmos suas pretendi-
s lições de Ethica Medica.

Nada diríamos, se aquella folha mal in-
rmada, quando publicou a primeira no-
cia não incidisse na mesma falta, vol-
ndo ao assumpto.

Eis porque vimos restabelecer a verda-
da situação e dos factos.

Já ha tempos que o distincto professor
. Carlos Vasconcellos presta cuidados
ofissionaes ao sr. dr. J. Rolim ; o mes
o faria qualquer outro clinico de S. Pau-
, que não tornou se solidario com a re-
lução tomada na assembléa da Classe
medica, em Agosto deste anno. Aquelles
brém, que acceitaram a medida alli vo-

cas,

Co

fesso

mag

E

ctua

Im

curso

M

tas:

gio;

Ivah

Guar

viap

pedi

As

em 4

ALEXANDRE LEVY

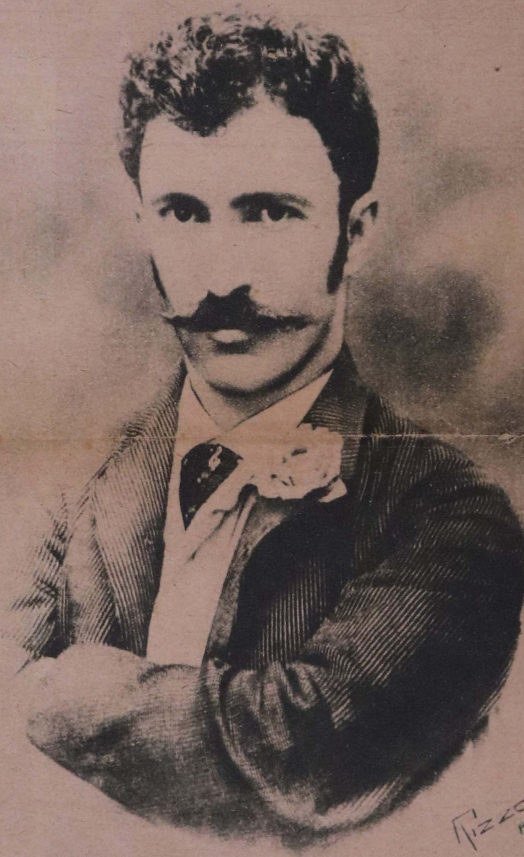
memorando a vida de um grande músico brasileiro e os primeiros passos de S. Paulo artístico

Por
Werther de Maia



diam, e foram paulatinamente se familiarizando com o ambiente musical, saíram, entre outros, alguns que hoje são professores em estabelecimentos de ensino, como Carlos Pagliuchi e Riyadavia Luz, além de outros apreciados compositores de música de dança e canções, como sejam Pachquinho e Eduardo Dohmen.

CONCLUE ADEANTE



A 10 de Novembro deveria fazer anos Alexandre Levy, o inesquecível autor das "Variações sobre um thema brasileiro", "Samba", "Tango brasileiro" e tantas outras composições próprias de um aristocrático e personíssimo temperamento musical.

Alexandre tinha todos os predicados de um genio. Quem estuda musica, em São Paulo, deve lembrar o successo que obteve, no Rio, a audição de suas musicas sob sua batuta. Era alegre, expansivo. Possuía a facilidade de compôr, que é o apanagio dos predestinados. Não se furtava á "massa". Procurava até inspiração nos meios mais diferentes.

Naquelle tempo a campanha abolicionista attingia o auge. A pretada subia a serra, aos magotes, fugindo aos captaes do matto, buscando os que os compravam e protegiam.

O porão da casa de Antonio Bento, enchia-se de escravos foragidos.

E, á tarde, formavam-se os sambas, as "batucadas" em plena rua sem calçamento.

E contava-se que Alexandre, juntamente com um primo, mettia-se com a negrada, sambando tambem.

Dahi, talvez, a idéa, e a vigorosa inspiração e côr local do seu "samba".

Desmentiu o conceito do escriptor que disse não respeitar o tempo as obras que são feitas em pouco tempo... O seu "Tango brasileiro" foi trabalho de um dia. E ficou, como ficaram as sonatas de Beethoven, os "nocturnos" de Chopin, Tannhauser...

PRIMEIROS ENSAIOS MÚSICAES EM S. PAULO

Agora vejamos os primeiros ensaios do São Paulo-menino, os primordios da futura capital artistica do Brasil, nos domínios da deusa Euterpe, intimamente ligados á vida de Alexandre Levy.

Henrique Luiz, pae de Alexandre, era muito conhecido em S. Paulo e no interior, por onde viajou constantemente; era muito acatado entre os apreciadores de musica e companheiro obrigado em serenatas e outras reuniões; executava com bastante virtuosidade o instrumento de sua predilecção, a clarinetta, e mais tarde o saxophone, tendo tido como collegas daquelle época o pianista Emilio do Lago, o violinista Paul

Julien e o excellente dilettante flautista dr. Clemente Falcão Filho.

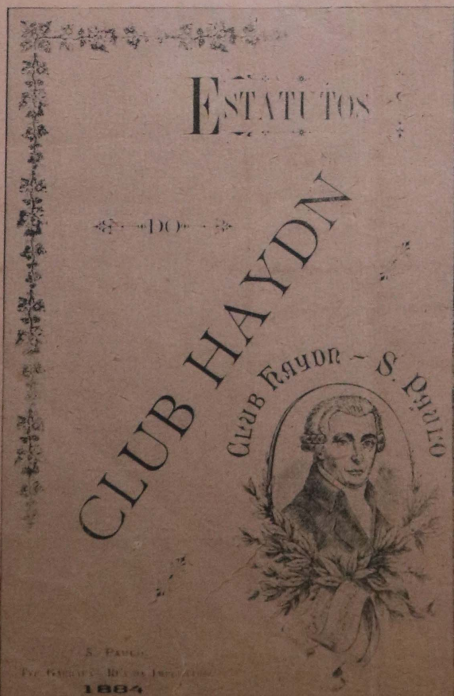
Grande amigo da familia de Carlos Gomes, em Campinas, foi o seu primeiro conselheiro, e quem o fez seguir seus passos musicaes na Europa, para o que obteve o auxilio do nosso Imperador D. Pedro II.

Na "Casa Levy", fundada pelo pae do grande músico, reuniam-se então, geralmente, todos os amadores, tornando-se o centro artistico musical que aos poucos se desenvolveu, tendo sido frequentado pelos primeiros professores de piano, que eram Henrique Oswald, Gabriel Girandon, Louis Maurice e mais tarde os seus continuadores, Georg von Madeweiss, Gustavo Wetheimer e posteriormente Luigi Chiaffarelli e outros, depois de 1890.

Em 1876 a casa importava os primeiros pianos, das mais reputadas marcas, hoje espalhados aos milhares por todo Estado.

Dentre os seus antigos auxiliares, que de musica nada absolutamente enten-

EM CIMA, FAC-SIMILE DO "TANGO BRAZILEIRO" DE ALEXANDRE LEVY. PUBLICADO PELA PRIMEIRA VEZ EM 1890 COM MUITAS INCORRECÇÕES (5 DE ABRIL) NA LITHOGRAPHIA DE MARTIN, FEITA POR PESSOA DESCONHECIDA DE MUSICA, FOI REPRODUZIDA DEPOIS PELA CASA LEVY, CORRECTAMENTE EM EDIÇÕES SUCCESSIVAS. FOI ESTE UM GRANDE SUCCESSO DE MUSICA POPULAR NA OCCASÃO



UMA DAS ÚNICAS PHOTOGRAPHIAS DE ALEXANDRE LEVY. O AUTOR INESQUECIVEL DE "VARIACÕES SOBRE UM THEMA BRAZILEIRO", "SAMBÁ" E "TANGO BRAZILEIRO". TEMPERAMENTO ESSENCIALMENTE OPTIMISTA, ALEXANDRE DAVA Á SUA MUSICA ALGO DE SUA PERSONALIDADE ENCANTADORA — E ESTA NOTA PESSOAL, CONSEGUIU O MILAGRE DE CONSERVAR VIVAS AS SUAS PEÇAS ATÉ O DIA DE HOJE

Examine a qualidade

e compare o preço

"FAC-SIMILE" DA PRIMEIRA PAGINA DOS "ESTATUTOS DO CLUB DE HAYDN". EDIÇÃO DA TYPOGRAPHIA GARROUX, EM 1884, SITUADA NA ANTIGA RUA DA IMPERATRIZ, EM SÃO PAULO. ESTE CLUB POSSUÍA UMA ORCHESTRA DE ADVOGADOS E MÉDICOS, DA QUAL ALEXANDRE LEVY ERA O INSPIRADO "MAESTRO".

Carrioca



Campeonato Sul-Americano de Box

O RIO DE JANEIRO ASSISTE NESTE MOMENTO, COM O RESURGIMENTO DA NOBRE ARTE VERIFICADO DEPOIS DA ERECCÃO DO ESTADIO BRASIL ONDE OPTIMAS LUTAS SE REALISAM TODOS OS SABBADOS, O CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE BOX, ENTRE AMADORES, COM A PRESENÇA DE CONCURRENTES DA ARGENTINA E DO URUGUAY. A SELECÇÃO NACIONAL, COMPOSTA EM SUA QUASI TOTALIDADE DE CARIOCAS, ESTÁ PREPARADA A REALISAR BÓAS PERFORMANCES DIANTE DE SEUS RIVALES PLATINOS. NA PHOTOGRAPHIA AO LADO VEMOS A TAÇA A SER DISPUTADA, E JOGADORES ARGENTINOS, QUE EM COMPANHIA DE MEMBROS DA NOSSA COMISSÃO DE BOX VISITARAM A REDACÇÃO DE O CRUZEIRO



A' DIREITA—O GENERAL FLORES DA CUNHA, NUM INSTANTANEO FEITO DURANTE O CHURRASCO QUE LHE FOI OFFERECIDO NO RECINTO DA ANTIGA FEIRA DE AMOSTRAS, TENDO AO LADO O MINISTRO DA EDUCACÃO, EM PALESTRA COM JORNALISTAS



PELLOS
do rosto. Cura garantida, sem cicatriz e sem dor. Methodo novo.

Dr. PIRES
(Prat. hospitais Berlim, Paris e Vienna)

PRAÇA FLORIANO, 55 — 6.º AND.—Rio

O Dr. Pires envia gratis o livro "A CURA GARANTIDA DOS PELLOS DO ROSTO POR MAIS GROSSOS OU ANTIGOS QUE SEJAM".

Nome _____
Rua _____
Cidade _____ Estado _____

Uma unha

Um corte no de

Estes, são accidentes muito communs na nossa vida; e sabemos bem que a unha se refaz e que a cortadura cicatriza sem qualquer tratamento externo. Por uma intuição natural, compreendemos que são os elementos de nossa nutrição interna que se incumbem de refazer ou repôr no seu lugar tudo o que fôr tirado, consumido ou rompido anormalmente em nosso alcance, para comprehendermos, com a maior clareza, como se acha toda a superficie da nossa pelle na immediata dependencia daquelles elementos e que, portanto, nos casos de rugas, manchas, e outras affecções, é, absolutamente, de nullo effeito qualquer tratamento externo; comprehendemos, também, como é racional, em taes casos, o emprego do W-5, essa moderna e conceituada medicina allemã. E' que, em W-5 se contem o principio activo do sôro dermico em associação com germes dos órgãos sexuaes, de cujo bom funcionamento,—é sabido—depende a vitalidade da pelle. Por isso, devemos considerar o W-5, como o mais poderoso defensor da nossa epiderme; com o seu uso, eliminam-se os eczemas, os acnes, alisam-se as rugas e uma melhor cor é dada á pelle de todo o corpo, tudo acompanhado de um bem estar geral.

Os senhores medicos, que ainda não conheçam o W-5, bem como as pessoas interessadas no tratamento da pelle por via interna, têm á sua disposição completa litteratura com os distribuidores geraes desse medicamento, á Avenida Rio Branco 173-2.º, no Rio de Janeiro, e á rua S. Bento 49-2.º, em S. Paulo, onde além disso, se prestam detalhadas informações.



As Drageas W-5 são encontradas também nos endereços seguintes: Em Porto Alegre, Galeria Chaves, apto. 15; em Bello Horizonte, rua da Bahia 938; em Juiz de Fora, rua Baptista de Oliveira 622; em Victoria, Av. Cleto Nunes 45; na Bahia, rua Corpo Santo 33-1.º andar; em Maceió, rua 2 de Dezembro 116; em Recife, rua João Pessoa 253-1.º andar; no Ceará, rua Major Falcundo 244; em S. Luiz do Maranhão, rua Nina Rodrigues 74-84; em Belém do Pará, rua Gaspar Vianna 111; em Manaus, rua Guilherme Moreira 13; em Curitiba, praça Tiradentes 554.



EM CIMA — FLAGRANTE FEITO DURANTE O CHURRASCO OFFERECIDO AO INTERVENTOR DO RIO GRANDE DO SUL, GENERAL FLORES DA CUNHA, NO RECINTO DA ANTIGA FEIRA DE AMOSTRAS, POR AMIGOS E ADMIRADORES, NO MOMENTO EM QUE DISCURSAVA O GENERAL GÓES MONTEIRO



ALEXANDRE LEVY

Rememorando a vida de um grande musico brasileiro e os primeiros passos de S. Paulo artistico



Por Werther de Malt

diam, e foram paulatinamente se familiarizando com o ambiente musical, saíram, entre outros, alguns que hoje são professores em estabelecimentos de ensino, como Carlos Pagliucchi e Rivadavia Luz, além de outros apreciados compositores de musica de dansa e canções, como sejam Pacheginho e Eduardo Dohmen.

CONCLUE ADEANTE



A 10 de Novembro deveria fazer annos Alexandre Levy, o inesquecível autor das "Variações sobre um thema brasileiro", "Samba", "Tango brasileiro" e tantas outras composições proprias de um aristocratico e personalissimo temperamento musical.

Alexandre tinha todos os predicados de um genio. Quem estuda musica, em São Paulo, deve lembrar o successo que constituiu, no Rio, a audição de suas musicas sob sua batuta. Era alegre, expansivo. Possuía a facilidade de compôr, que é o apanagio dos predeterminados. Não se furtava á "massa". Procurava até inspiração nos meios mais diferentes.

Naquelle tempo a campanha abolicionista attingia o auge. A pretada subia a serra, aos magotes, fugindo aos capitees do matto, buscando os que os compravam e protegiam.

O porão da casa de Antonio Bento, enchia-se de escravos foragidos.

E, á tarde, formavam-se os sambas, as "batucadas" em plena rua sem calçamento.

E contava-se que Alexandre, juntamente com um primo, mettia-se com a negrada, sambando tambem.

Dahi, talvez, a idéa, e a vigorosa inspiração e cor local do seu "samba". Desmentiu o conceito do escriptor que disse não respeitar o tempo as obras que são feitas em pouco tempo... O seu "Tango brasileiro" foi trabalho de um dia. E ficou, como ficaram as sonatas de Beethoven, os "nocturnos" de Chopin, Tannhauser...

PRIMEIROS ENSAIOS MUSICAES EM S. PAULO

Agora vejamos os primeiros ensaios do São Paulo-menino, os primordios da futura capital artistica do Brasil, nos dominios da deusa Euterpe, intimamente ligados á vida de Alexandre Levy.

Henrique Luiz, pae de Alexandre, era muito conhecido em S. Paulo e no interior, por onde viajou constantemente; era muito acatado entre os apreciadores de musica e companheiro obrigado em serenatas e outras reuniões; executava com bastante virtuosidade o instrumento de sua predilecção, a clarineta, e mais tarde o saxophone, tendo tido como collegas daquella época o pianista Emilio do Lago, o violinista Paul

Julien e o excellente dilettante flautista dr. Clemente Falcão Filho.

Grande amigo da familia de Carlos Gomes, em Campinas, foi o seu primeiro conselheiro, e quem o fez seguir seus passos musicaes na Europa, para o que obteve o auxilio do nosso Imperador D. Pedro II.

Na "Casa Levy", fundada pelo pae do grande musico, reuniam-se então, geralmente, todos os amadores, tornando-se o centro artistico musical que aos poucos se desenvolveu, tendo sido frequentado pelos primeiros professores de piano, que eram Henrique Oswald, Gabriel Girardon, Louis Maurice e mais tarde os seus continuadores, Georg von Madeweiss, Gustavo Wetheimer e posteriormente Luigi Chiffarelli e outros, depois de 1890.

Em 1876 a casa importava os primeiros pianos, das mais reputadas marcas, hoje espalhados aos milhares por todo Estado.

Dentre os seus antigos auxiliares, que de musica nada absolutamente enten-

EM CIMA, FAC-SIMILE DO "TANGO BRASILEIRO" DE ALEXANDRE LEVY. PUBLICADO PELA PRIMEIRA VEZ EM 1890 COM MUITAS INCORRECÇÕES (5 DE ABRIL) NA LITHOGRAPHIA DE MARTIN, FEITA POR PESSOA DESCONHECEDORA DE MUSICA, FOR PRODUZIDA DEPOIS PELA CASA LEVY, CORRECTAMENTE EM EDIÇÕES SUCCESSIVAS. FOI ESTE UM GRANDE SUCCESSO DE MUSICA POPULAR NA OCCASIÃO



UMA DAS UNICAS PHOTOGRAPHIAS DE ALEXANDRE LEVY, O AUTOR INESQUECIVEL DE "VARIAÇÕES SOBRE UM THEMA BRASILEIRO", "SAMBÁ" E "TANGO BRASILEIRO". TEMPERAMENTO ESSENCIALMENTE OPTIMISTA, ALEXANDRE DAVA Á SUA MUSICA ALGO DE SUA PERSONALIDADE ENCANTADORA — E ESTA NOTA PERMANECERÁ VIVA Á SUAS PÉGAS ATÉ O DIA DE HOJE



ALEXANDRE LEVY

CONCLUSÃO

Sotero de Souza, igualmente, foi o primeiro auxiliar da Casa, onde esteve cerca de doze annos. Em 1914 criou o seu primeiro concurso de piano, no qual foram premiados Souza Lima e Francis Mignonne.

Em 1883 fundava-se em São Paulo, por iniciativa dos irmãos Levy, o primeiro centro artistico musical o "Club Haydn", cuja orchestra tinha como 1.º violino José de Sant'Anna, irmão de Carlos Gomes, que vinha de Cam-

pinas todos os mezes, especialmente; o 2.º violino amador era o sr. Guilherme Fuchs, fundador da antiga "Casa Fuchs" assim como violoncellista o sr. Henrique Stupakof e mais tarde o professor Giulio Bastiani, que cooperou para a continuação dos concertos até 1885, completando até aquella data, 33 concertos de musica de camara (quartetos) etc.

Um dos concertos foi dedicado á S. S. AA. o conde e a condessa d'Eu, quando em visita á nossa capital.

A ORCHESTRA DO CLUB HAYDN

As difficuldades que o director dos concertos, Alexandre Levy, encontrava para a sua execução, fornece causas interessantes.

O musico esforçado ia muitas vezes de casa em casa, de tilbury pelas ruas tortas e ingremes, á procura dos musicos, receiando que elles á ultima hora, falassem...

Compunham a orchestra, quasi toda de amadores, estudantes, advogados e "formados", alguns de representação social destacada, verdadeiros "dilettanti".

Della tambem faziam parte operarios, que, nas horas vagas, se dedicavam a varios instrumentos e eram procurados nas casas em que trabalhavam.

Os unicos profissionais eram Sant'Anna Gomes e poucos mais.

Foi a primeira orchestra brasileira organizada em S. Paulo, e sabe Deus com que difficuldades.

Sem embargo, executaram-se innumeras obras classicas e de grande folego,

TRADICIONAL VENDA ANUAL DE 1933

Campanha Nacional para um ambiente melhor

Orçamentos Grátis

ASA UNES

65-RUA DA CARIOCA-67 - RIO

DOIS... EM UM!

A FELICIDADE, PELO "ambiente melhor"; O "ambiente melhor"

PELA NOSSA TRADICIONAL VENDA ANUAL, DESTES MES, EM QUE OPERAMOS

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS E DECORAÇÕES

POR PREÇOS INCRÍVEIS E COM TODAS AS FACILIDADES DE PAGAMENTO

entre as ques symphonias de Beethoven, Haydn e outros pioneiros da grande arte.

COMO FOI COMPOSTO O "TANGO BRASILEIRO"

Uma tarde, entre Março e Abril de 1890, o velho José Maria Lisboa appareceu na "Casa Levy", que então ficava mais ou menos onde está hoje o Banco Italiano.

Caminhando lentamente, em direcção a Alexandre, que se achava nos fundos, no salão de pianos, perguntou-lhe:

—O' Levy! Você seria capaz de me fazer uma musica, ou cousa que o valha, para o "Diario" offerecer ás suas leitoras? E isto com urgencia?

—Faço. Como não?

—Posso vir buscar amanhã, ou dentro de dois ou tres dias? Seria possivel isso?

—Pode vir.

E no dia seguinte já estava prompto o "Tango Brasileiro", que Alexandre mostrava a seus irmãos, perguntando-lhes "que tal o achavam".

Publicado no "Diario Popular" de 5 de Abril de 1890, lithographado nas officinas Martin por pessoa desconhecida de musica, e reproduzido pela "Casa Levy", em edições successivas, esse tango, peça delicada e fina, onde a par do capricho e innovação rythmica sente-se muito a alegria ingenua e requintada daquella gente de salão ao lado da plangencia dolente e suavemente voluptuosa da alma brasileira que despertava, hoje, corre mundo e é executado em varios paizes, como sendo um dos momentos mais expressivos e inspirados da nossa composição indigena.

O JORNAL O Cruzeiro

ANNUNCIOS ASSIGNATURAS

SUCCURSAL EM S. PAULO PRAÇA DO PATRIARCA, 9-A TELEF. 2-3198 (EDIFÍCIO DO DIÁRIO DE S. PAULO) (PROVISORIAMENTE)

Director: Luiz S. Oliveira

MÚSICA *Valdilice de Carvalho grava peças de salão dos compositores*

Pianista lança CD com obras dos irmãos Alexandre e Luiz Levy

IRINEU FRANCO PERPETUO
especial para a Folha

A pianista Valdilice de Carvalho está resgatando a música paulistana do final do século passado. Seu CD reúne obras dos irmãos Luiz e Alexandre Levy.

São 72 minutos com peças curtas, de salão, como a cantiga sertaneja "Os Bezerro Qué Mamá", de Luiz, e a polca "Recuerdos", de Alexandre. Tudo passa longe das complexidades da forma sonata. A obra de maior fôlego é a suíte "Schumanniana", em oito movimentos, de Alexandre.

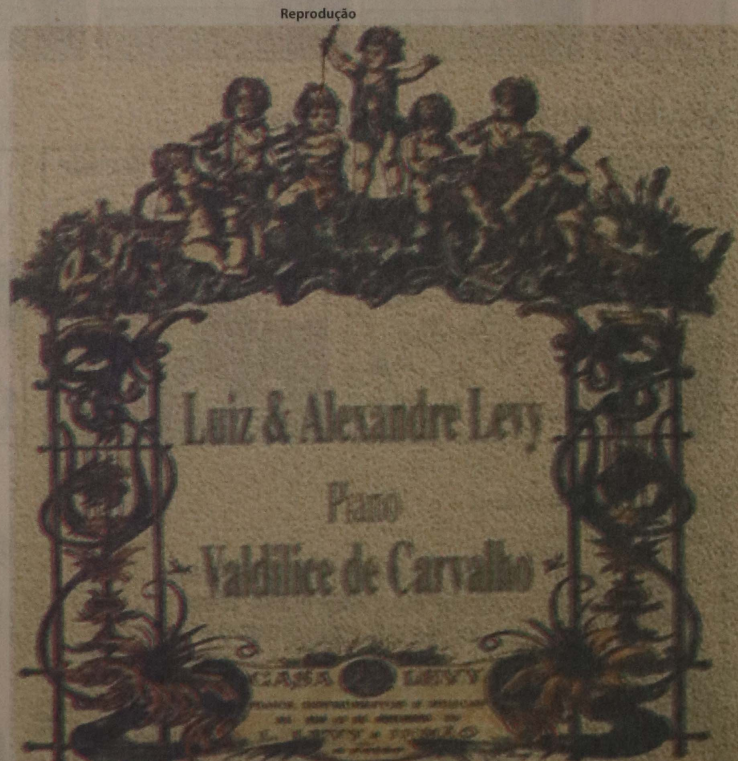
Ambos eram filhos de Henrique Luiz Levy, comerciante francês que se estabeleceu em São Paulo, em 1860. Clarinetista amador, ele fundou a Casa Levy, que vendia instrumentos, livros e partituras.

Dos dois irmãos, o mais destacado como compositor foi Alexandre Levy (1964-1892), ao qual a edição inglesa do "Grove", o mais conceituado dicionário musical do planeta, dedica um verbete de 30 linhas.

Menino-prodígio, Alexandre Levy dava concertos e compunha aos 12 anos de idade. Aos 23, foi para a Europa estudar, mas, depois de curto período, retornou a São Paulo, onde tentou, sem sucesso, fundar uma orquestra sinfônica. Morreu aos 27 anos.

Visto como um precursor do nacionalismo, Alexandre Levy, na verdade, tinha como fonte de inspiração não a música folclórica, mas as danças de salão de sua época, como o tango e o maxixe.

Tinha, também, grande admiração pelos mestres europeus. Assim



Capa do CD com composições dos irmãos Alexandre e Luiz Levy

como sua suíte "Schumanniana" evoca o estilo de Robert Schumann, a "Sinfonia em Mi" — à qual o Festival de Campos (RJ) pretende dedicar CD — é dedicada a Mendelssohn.

Luiz Levy (1861-1935) também aprendeu música cedo, mas só se dedicou ao estudo de composição após o falecimento do irmão.

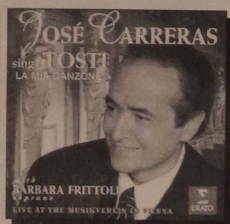
Embora sua música tenha um viés nacionalista, não se envolveu com o modernismo e tocou o negócio herdado do pai praticamente

até a morte, em 1935.

Nenhuma de suas obras apresentadas no CD excede a duração de cinco minutos. Há uma paráfrase sobre a "Ave Maria", do "Otello", de Verdi, e muitas danças: valsas e até um "Brazilian Cake-Walk" (popular no final do século passado, o cake-walk era uma dança negra norte-americana, bailada por um casal, de mão dadas).

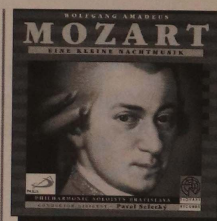
CD: Luiz & Alexandre Levy
Preço: R\$ 16, em média

lançamentos de CDs



JOSÉ CARRERAS SINGS TOSTI. *La mia Canzone*. Numa gravação ao vivo no Musikverein em Viena, José Carreras apresenta uma seleção das canções mais conhecidas e belas do compositor e professor de canto italiano Francisco Paolo Tosti (1846-1916). As canções Forever, Goodbye, At Vespers, Amore e That Day foram alguns de seus sucessos. O grande tenor *José Carreras* é acompanhado pela soprano *Barbara Frittoli*. Lançamento Erato/Warner Classics. Venda direta pela Revista CONCERTO - Tel 535-5518. R\$ 23,00.

LUIZ E ALEXANDRE LEVY. *Valdílce de Carvalho* ao piano. Gravação que reúne obras dos irmãos Levy, Luiz (1861-1935) e Alexandre (1864-1892). Ambos foram pianistas de renome na sociedade paulistana da época, apresentando-se regularmente. Todas as obras deste CD são primeiras gravações, sendo algumas delas inéditas. *Valdílce de Carvalho* desenvolve há anos um trabalho orientado à divulgação de um repertório baseado em composições inéditas de real valor e pouco executadas. Venda direta pela Revista CONCERTO - Tel 535-5518. R\$ 18,00.



EINE KLEINE NACHTMUSIK de Wolfgang Amadeus Mozart. A genialidade de Mozart (1756-1791) manifestou-se em todas as formas e gêneros musicais cultivados no seu tempo. As obras apresentadas neste CD são uma amostra do seu talento perfeito e variado: *Eine kleine Nachtmusik K 525*; *Divertimento K 136* em ré maior e *Sinfonia K 550* em sol menor. Execução de *Philharmonic Soloists Bratislava*, sob regência de *Pavol Selecky*. Lançamento Paulus Gravadora. Informações e pedidos: telemarketing 571-9416 ou 810-5009.



SCHUBERT - Piano Trios. Com *Jos van Immerseel* - fortepiano, *Vera Beths* - violino e *Anner Bylsma* - violoncelo. Schubert escreveu os dois trios para piano, violino e violoncelo interpretados neste CD em 1827 e 1828, ano de seu falecimento, quando a imprensa e o público começaram a dar maior atenção à sua obra. Foram suas únicas composições para esta formação. Lançamento Sony Classical. Venda direta pela Revista CONCERTO - Tel 535-5518. R\$ 20,00.

LOS TANGUEROS. Tangos de Astor Piazzolla na interpretação de *Emanuel Ax* e *Pablo Ziegler* - pianos. As composições mais famosas - e lindas - do argentino Astor Piazzolla somente com piano: *Revirado*; *Fuga y misterio*; *Milonga del ángel*; *Decarisimo*; *Soledad*; *La muerte del ángel*; *Adiós Nonino*; *Libertango*; *Verano porteño*; *Michelangelo '70*; *Buenos Aires hora cero* e *Tangata*. Lançamento Sony Classical. Venda direta pela Revista CONCERTO - Tel 535-5518. R\$ 20,00.



PRAELUDIUM. Com *Flávio Apro* - violão. Vencedor de vários concursos, *Flávio Apro* tem se apresentado no Brasil, Inglaterra e Japão. O repertório de seu primeiro CD é variado e muito interessante, interpretando *Jakub Polak*, *Anthony Holborne*, *Scarlatti*, *J.S. Bach* (uma transcrição do próprio violonista da *Ciaccona*, da *Partita nº 2* para violino que vale a pena conferir), *Edvard Grieg*, *Willy Corrêa de Oliveira* e *Leo Brouwer*. À venda nas lojas Discover e Balalaika, R\$ 20,00.

Um arauto dos fatos da vida

O Estado de S. Paulo escolheu para seu Ex-libris, a figura do "crieur" Bernard Gregoire, numa homenagem aos vendedores de jornais



No começo de 1876, a cidade de São Paulo era ainda uma vila provinciana, marcada pela mesma placidez das águas dos rios Anhangabaú e Tamanduateí. Poucos bondes desciam pelas ruas Direita e da Imperatriz. Poucos, também, eram os tilburis que circulavam pelas ruas centrais. E seus ruídos característicos já haviam se incorporado à atmosfera sonora da cidade.

Por isso, no dia 23 de janeiro, quando o comércio abria as portas na travessa do Rosário e os caldeireiros da rua São Bento começavam a bater seus tachos, causou espanto aquele som estranho que invadia lojas e oficinas, cervejarias e escritórios. Era uma corneta de timbre metálico e estridente, assoprada por um homem magro, simpático, de longa barba grisalha, montando um velho cavalo baio. Usava uma touca de pano branco na cabeça e portava um maço de jornais debaixo do braço.

O povo rodeou o estranho e barulhento cavaleiro que, a passo lento, ia vendendo, à esquerda e à direita, o jornal **A Província de**

São Paulo. Pedia por exemplar apenas um "cobre" de 40 réis. Tratava-se de *Monsieur Bernard Gregoire*, um francês que introduzia na cidade o sistema de venda de jornal de porta em porta, até então inexistente. Funcionava como um jornaleiro ambulante, mas parecia muito mais do que isso: montado no seu cavalo e tocando sua corneta, era como um arauto a anunciar não os atos do rei, mas os fatos da vida.

Temperamento solidário

Quando Bernard Gregoire se apresentou na sede de **A Província de São Paulo**, à procura de emprego, tinha 32 anos de uma vida bastante movimentada. As declarações então feitas e os documentos apresentados contavam que ele fora inicialmente mercador na cidade de Lisieux, na França, onde se destacou pelos socorros prestados às vítimas da epidemia de cólera de 1865. Durante a guerra de 1870, foi feito prisioneiro, mas conseguiu fugir, sendo

MR. BERNARD GREGOIRE,
condecorado com a Cruz de Bronze e Medalha de Honra, ex-vendedor do «Petit Journal» de Paris e da «Gazeta de Noticias» do Rio de Janeiro, tem a honra de prevenir ao respeitavel publico, que, a datar de 23 do corrente, venderá nas ruas e arrabaldes desta capital o jornal—**A PROVINCIA DE SÃO PAULO.**

Recommenda-se á benevolencia de todos, e fará o possivel para ser digno de que lhe levantem um estrepitoso HURRAH!

S. Paulo, 20 de Janeiro de 1876.

Bernard Gregoire.

No primeiro anúncio, a apresentação.

novamente posto fora de ação, quando ferido em combate. Terminada a guerra, retornou à atividade de mercador em Lisieux.

Por sua atuação nos campos de batalha e pelos cuidados dispensados aos feridos, recebeu em 2 de julho de 1871 a “Cruz de Bronze”, condecoração concedida pela Sociedade Francesa de Socorro aos Feridos e Doentes de Guerra. E, em maio do ano seguinte, a Sociedade Nacional de Encorajamento ao Bem distinguiu-o com sua “Medalha de Honra”.

Nosso primeiro crieur

Nessa ocasião, Bernard Gregoire trocara a cidadezinha de Lisieux por Paris. É na capital francesa que ele exerce pela primeira vez as funções de *crieur*, apregoando e vendendo o *Le Petit Journal*. Mas por pouco tempo. Logo em seguida embarca para a Argentina, onde se demora apenas o tempo suficiente para prestar serviços humanitários aos feridos da revolução mitrista, que conflagrava o país.

Vem então para o Brasil. Primeiro para o Rio de Janeiro, onde emprega suas habilidades de vendedor de jornais na *Gazeta de Noticias*. Muda-se depois para São Paulo, onde o jornal *A Província de São Paulo* do dia 22 de janeiro de 1876 noticiava que “um estrangeiro recentemente chegado a esta Capital, que na Europa e no Rio por muito tempo fez

profissão de vender jornais nas ruas, propõe-se a este mister na cidade”.

O próprio jornal de Rangel Pestana aceitou a proposta do “estrangeiro” e, já na manhã seguinte, os paulistanos tinham sua curiosidade despertada por aquela estranha figura de cavaleiro, anunciada pela estridente trombeta.

A presença nos anúncios

Monsieur Bernard Gregoire exerceu suas funções de jornaleiro ambulante, com a maior competência, por mais de dois anos. Durante esse período fez questão de documentar sua presença publicando no jornal, periodicamente, pequenos anúncios onde se propunha a prestar também outros serviços, falava da abertura de uma biblioteca na Luz, comunicava que deixava de vender o jornal *Coaracy* por ter um preço “pouco favorável ao povo” e apresentava agradecimentos aos médicos que o atenderam no Hospital da Misericórdia.

Repentinamente, partiu como viera. O último anúncio que publicou em *A Província de São Paulo*, de 11 de junho de 1878, fala de seu retorno a Paris, sem tempo para despedir-se dos amigos. Desde então, a única notícia que se tem dele é a sua figura que ficou como marca de *O Estado de S. Paulo*.

Despedida

G. Bernard e sua senhora retirando-se temporariamente para a Europa, e não tendo tempo de despedir-se pessoalmente de todas as pessoas que os honram com sua amizade, prevalecem-se deste meio para lhes pedirem desculpa e offerecem-lhes seu presépio em Paris.

A despedida, dois anos depois.

Gravações

DO DISCO DO ALBUM JAZZ SCENE, E SUITES ORQUESTRADAS DE CARMEN

A ARTE DE ANTONIETTA RUDGE a menina prodígio

JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

Já se disse que as *Wunderkinder*, crianças-prodígios, assemelham-se a frutos temporêneos, cujo anormal sazonalamento faz com que pareçam maduros por fora, mas conservando polpa ácida, própria das frutas colhidas fora de tempo. Muito cuidado! Tantos fracassos dos "gênios" de calça curta — promessas que se estiolam no embrião — que a precocidade precisa sempre estar de breaviso.

Antonietta Rudge nasceu menina-prodígio. Ela deixou de engatinhar — conforme a crônica da família — procurou o teclado, por motivo de uns pedreiros italianos que construíam próximo à residência. Pedreiro italiano e tenor de ópera são uma coisa só. Antonietta foi logo ao piano-forte, juntando a linha melódica e a instintiva harmonização.

Descoberta e iniciada pelo velho professor Gabriel Giraudon, deu o primeiro concerto aos sete anos, no Salão Levy, em São Paulo. Fizeram no programa: Bach, Handel, Martucci, Chopin.

Na manhã seguinte, surgia à porta da casa de João Henrique Rudge um austero, encorajado homem, solene barba preta: Luigi Chiaffarelli, incomparável pedagogo, que deu ao Brasil pianistas da estirpe de Guiomar Novaes, Alice Maria Antonietta e Victoria Serva, Maria Edulapajós, Isabel Azevedo von Ihering, Gilda de Carvalho, Francisca França Pinto, Elvira Guimarães Fonseca, Kita Ulhôa Cintra, Francisca Perez de França Pinto, Anesia Urioste, Hermogenia Inheiro da Silveira, Esmeralda Escobar Luné, Milia Mesquita, Ismenia de Souza Queiroz, Rosa Foerster, Anna Kuhlmann, Escolastica Augusta Vieira, Carmen Nogueira, Lucilla Ferraz de Aguiar, Antonietta Pasquele, João de Souza Lima, entre outros.

EVOLUÇÃO

A verdadeira evolução musical de Antonietta Rudge operou-se sob a direção de Chiaffarelli: desgosto ou decepção alguma empanou-lhe a trajetória. Já não lhe bastava a natural virtude: preocupava-se com o apuro técnico. Estudou incansavelmente. Tocava sempre à primeira vista, com a segurança de quem sabia a lição. Certo dia, Chiaffarelli quis fazer uma surpresa à sua jovem aluna. Levou-lhe uma obra de Chopin, que ela nunca vira.

"Tome isto, Neta."



Nieta, aos 12, 15 e 17 anos

ainda não prezava a importância do disco, sem rádio, TV e os meios rapidíssimos de comunicação de massa. Casals insistira com Antonietta para que iniciasse sem demora um ciclo de concertos pela Europa. Simples e modesta, hesitou muito. Mas afinal decidiu-se pela França, Inglaterra, Alemanha.

Em 1911, o "Daily Telegraph" de Londres dizia: "Tem um toque claro, nítido e cristalino, de forma que sua interpretação é quase sempre de considerável beleza. A própria exuberância do seu estilo fornece de si recomendação ao mais hipercrítico dos críticos, devido à extrema variedade do seu entusiasmo artístico". Para o "Morning Post", as peças, em sua "mor parte brilhantes em caráter, foram escolhidas de modo a dar-lhe oportunidade de por em realce a sua técnica de excepcional fluência e acabamento. Mme. Rudge combina com a graça feminina de sua execução toda a vigorosa precisão de sua execução."



Antonietta, cuja arte "seduz por si mesma"

e o reforço, tanto quanto possível alto, de agudos. Admissivelmente, as condições eletro-acústicas deixam a desejar. Mas que **performance**. Que palavras poderiam significar a magia suprema dessa grandiosa meditação musical? A recitalista descarta de plano o elemento bravura, convertendo as variações de Bach num poema tonal de intensa e profunda beleza. De ouvir para crer.

Ainda de autoria do *Summus Musicus*, apresenta Jesus Cristo, Filho de Deus, para coro

Tocou.

E tão magistralmente que o professor, com os olhos faiscantes, mirou pasmado a discípula:

"Você já conhecia isto, Nieta?"

"Não. Mas sou capaz de fazer mais!"

Fechou a partitura, repetindo-a inteirinha, de cor. Diante de tão prodigiosa memória, pouco havia que ensinar.

O melhor seria aproveitá-la como assistente.

Senhora absoluta da técnica, dona de extraordinária sensibilidade, invulgar musicalidade. Antonietta Rudge era sempre destacada por Chiaffarelli para apresentações às celebrações internacionais, de passagem por São Paulo. Ouviram-na Pablo Casals, Vianna da Motta, Ignaz Friedmann, Harold Bauer, Arthur Rubinstein, Charles Camille Saint-Saens, Miécio Horszowski, entre outros.

Os "Concertos Históricos", organizados por Chiaffarelli "para prova escolar", desde logo incluíram, entre 1898 e 1900, a "menina Antonietta Rudge", em obras de irrecusável importância, como: Prelúdios e Fugas do **Cravo Bem Temperado**, Concerto em ré menor, BWV 1052, de J.S. Bach; a Sonata em mi bemol maior, de Haydn; os Concertos de Beethoven (nº 1, dó maior, op. 15; nº 2 si bemol maior, op. 19); Hummel, Concerto em lá menor, op. 82; Westerhout (1862-1898) — **Sonata nello stile antico**; Chopin — Concerto em mi menor, op. 11; Concerto em ré menor, op. 40, de Mendelssohn; Concerto em lá menor, op. 16, de Grieg; Concerto em sol menor, de Henrique Oswald, além de várias Sonatas de Beethoven, a monumental suite de Mussorgski, **Tableaux d'une Exposition**.

"Tenho três grandes paixões em minha vida — declarou Arthur Rubinstein a um jornalista — "Mozart, o Beethoven da segunda fase e Antonietta Rudge executando Mozart e Beethoven".

Os concertos ficaram assinalados por triunfos. Críticos perdiam-se numa pletora de superlativos. Arthur Napoleão escrevia: "Na minha já larga carreira artística tive ocasião de encontrar-me com grandes celebridades do seu sexo, à frente das quais citarei Clara Schumann e Sophie Menter. Nenhuma delas excede Antonietta em coisa alguma: nem na execução impecável das maiores dificuldades, nem em estilo, resistência moral e memória prodigiosa. Mais ainda: Antonietta não tem que temer o confronto de qualquer pianista, mesmo de outro sexo".

Para Oscar Guanabara, crítico do "O Paiz" do Rio de Janeiro, "essa grande artista nos agrada muito mais que Paderewski", acrescentando: "Paderewski, o admirável intérprete dos grandes mestres, faz valer sua virtuosidade, chamando sobre si a atenção do auditório, agitando-o sem necessidade. Ao contrário disso, Antonietta Rudge é sempre serena e calma, fazendo crer que tudo quanto executa ao piano é fácil e que seu mecanismo não é o resultado da força transformada em movimento". Observação equivalente fez também Mário de Andrade: "A simplicidade de execução dessa virtuose, que nada tem de plátão, que toca alheia a qualquer preocupação histriônica, mostra a potência da sua arte. Esta seduz por si mesma. Da sua vitória acústica não participa a mínima. E a arte e não a artista que empolga os auditórios".

PRESEÇA NA EUROPA

"Santo de casa não faz milagre", diz o conhecido adágio, mormente numa época que

gindo o Climax em peças com a **Rapsódia Húngara** nº2, de Liszt". Por fim, o "Times"

"Sua execução é inexcelsivelmente clara e nítida. Revelou considerável capacidade no matizamento sonoro, alcançando brilhante êxito com a **Chaconne** de Bach-Busoni, e com a **Gavotte** de Rameau. Interpretou admiravelmente todas as suas frases, sem tornar árida sua digitocussão, mostrando, ao mesmo tempo, muito senso de colorido na **Barcarola** e outras páginas de Chopin. Em meio ao programa, tocou a **Ballade** de Grieg, exatamente com a desejável e verdadeira simplicidade, despertando sempre interesse no decurso das execuções, sem recorrer a qualquer efeito ilegítimo". Numa palavra: foi unânime o veredito da crítica.

ANTONIETTA E RUY

Ruy Barbosa nutria por Antonietta Rudge carinho admirativo e paternal. Bastava-lhe por os pés no Rio de Janeiro e o grande jurista mandava notificá-la de que a visita à sua casa era indispensável. Embaixador do Brasil na Argentina, Ruy Barbosa fez questão da presença de Antonietta em Buenos Aires. As críticas de "La Prensa", "La Nación", "La Época", "Herald", "La Argentina", "The Standard" repetiram tudo quanto Londres publicara alguns anos antes.

O ECLIPSE

Fiel às diretrizes básicas de sua vocação, Antonietta Rudge durante largos lustros, assumiu a gama total e absoluta de suas responsabilidades de solista com orquestra, recitalista, camerista.

Mas, em 1951, o professor Caldeira Filho apontou o estranho retraimento da artista: "Permanece a admiração do público em torno de Antonietta Rudge. Seus admiradores esperam a sua volta, pois desejam ouvi-la ainda por muitas vezes. Há aí, para a artista, quase uma obrigação de reaparecer, para não manter oculta a sua arte magnífica, para receber a homenagem do público de São Paulo e para manter bem vivo em todos o espírito de beleza que ela soube despertar" (**A Aventura da Música — Subsídios Críticos para a Apreciação Musical**, São Paulo, Ricordi, 1970, I, 171).

Com efeito, o crítico musical do "Estado de S. Paulo", membro efetivo da Academia Brasileira de Música, foi até o ponto de asseverar que "Antonietta é quase uma desconhecida para a geração atual dos frequentadores de concertos entre nós". É uma verdade lamentável, porém incoteste. Os poucos discos **Parlophone/Odeón** de 78rpm, gravados por volta de 1930, são hoje raridades de colecionador.

O DISCO, ENFIM

Mas um grupo de amigos, admiradores e discípulos decidiu mudar este *statu quo*. Cheios de entusiasmo, visionaria audácia, o casal Iray/Leonor Ferreira Martins, o mestre Paulo Portugal e — *last but not least!* — quem estas linhas escreve, com o valioso patrocínio do Museu da Imagem e do Som, da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Estado de São Paulo, selecionaram cuidadosamente algumas gravações em fita magnetofônica, procurando escoimá-las de falhas técnicas. O disco foi impresso pela Academia Santa Cecilia, do Rio (ASC-84, estério), sob o título: **Arte de Antonietta Rudge**.

Principia por soberba versão da **Chaconne** da Partita em ré menor, BWV 1004, para violino desacompanhado, de J. S. Bach, pela célebre transcrição de Ferruccio Busoni. Para adequada resposta sonora, impõe-se anular os graves

tata de igreja, BWV 4. **Christ lag in Todesbanden**. Nesta época de extremos pruridos puristas, parecem-me necessárias algumas observações. Antonietta Rudge formou-se esteticamente com Chiaffarelli, o qual procedeu da Alemanha, cenários da grande tradição interpretativa europeia do século XIX. Conforme explanou o crítico novaiorquino Winthrop Sargeant, considerava-se a música em termos fraseado, em vez da escrita observância das barras de compasso. Ritardandos, acelerandos, rubatos eram admitidos liberalmente, prova de bom gosto e discernimento. Segundo o autorizado testemunho de Carl Czerny, assim era ao tempo de Beethoven: frequentes alterações no ritmo regular, para efeitos dramáticos, sempre de preceito, e aí de quem não os postulasse. Mas agora, já evoluímos da idade da razão para a da monotonia literal e a falta de imaginação. Pouca gente, desentendida de música, capacita-se de que as notas do papel significam, deixando muito à intuição executória ou à tradição interpretativa. Por influência direta do fonógrafo e Arturo Toscanini, ficou decidido inapelavelmente que partitura é algo sacrossanto, inviolável, supremo, e cujas diretivas devem ser obedecidas à risca, sob pena de capitulação em crime de lesa-arte. Superado está o tempo no qual Josef Hofmann podia declarar, alto e bom som, que jamais tocara duas vezes de maneira igual a mesma peça pianística. Por isso, ouvir Antonietta Rudge em Bach é inesquecível experiência, nas solenes monumentais sugestões orgánísticas.

O contraste expressivo reponta na envolvente, embaladora doçura da **Mazurka** em dó sustenido menor, op. 63 nº 3, de Chopin.

Na Face B, a poesia evocativa de **Jeux d'eau** (1901) de Maurice Ravel, encontra a recitalista no ápice do estilo e perfeição sonora.

Trata-se de outra interpretação absoluta, insuperável.

Tango Brasileiro (1890) de Alexandre Levy, bem explorado nas intrínsecas características nacionais, precede duas páginas de Henrique Oswald; **Estudo, Improvvisato**, expressões acabadas dum pianismo pos-romântico, abeberado nas matrizes inspiracionais europeias, bem propenso à maneira de Rachmaninov, na insistência recorrente dos desenhos ornamentais rítmico-melódicos. Antonietta Rudge provê autêntico *show* de virtuosidade, em seu vertiginoso, imperial *legato*.

Os **Ponteios** ns. 22 — **Triste** 24 — **Tranquilo**; 30 — **Sentido**, de Camargo Guarnieri, extraídos duma opulenta coletânea de cinquenta, são espécie de **Lieder ohne Worte** à moda cabocla, especificamente paulista; e quanto de melhor produziu o compositor no campo da invenção musical.

O recital conclui com a dolente **Pobresinha** da suite nº 1, **A Prole do Bebê** de Villa-Lobos. Verifica-se, portanto, que a música brasileira sempre se fez presente às cogitações da grande pianista.

Como o Peregrino da alegoria literária de John Bunyan, posta maravilhosamente em música (**The Pilgrim's Progress**) de Vaughan Williams, pode Antonietta Rudge, em sua consciência, repetir:

Music in the house; music in the heart; music in heaven for joy that I am here.

Alexandre Levy

Assinalamos acima a fixação em S. Paulo da família Levy. Em 1875 um outro prodígio brasileiro, o menino violinista Eugenio Mauricio Dengremont, (ver Carlos Penteado de Rezende "Dois meninos prodígio") que chegou a alcançar renome mundial, dava um recital em S. Paulo. Os seus dez anos indicavam notável precocidade, amplamente confirmada nas exibições dadas na Paulicéia. Na terceira e última, a 8 de julho de 1875, no teatro São José, regorgitante de gente, com a presença, em peso, da classe académica (estudantes, flores discursos, versos e oferta de uma medalha de ouro como lembrança da Academia de Direito) Dengremont "foi acompanhado ao piano, em certas peças, por um menino pouco mais velho do que ele, mas já reputado como artista. Tratava-se de Luis Levy..." Luis Levy, como se sabe, é irmão de Alexandre Levy, (1864-1892) cuja presença em S. Paulo dá cunho particularmente brilhante á vida musical paulista ao findar o século.

Nascido a 10 de novembro de 1864, filho de Henrique Luis Levy, iniciou Alexandre os estudos aos 7 anos, com o professor Luis Maurice a quem já nos referimos, artista de origem russa e de há muito radicado em S. Paulo. Estudou depois principalmente com Gabriel Giraudon, até 1876, iniciando, em 1883, os estudos de harmonia, com Georg Von Madeweiss, continuados depois com Gustavo Wertheimer. Nesse ano fundara o Clube Haydn, que foi o principal fator do desenvolvimento artístico e musical, pois nele se sistematizou a audição frequente dos clássicos, até então quase completamente desconhecidos. Trinta e cinco concertos foram realizados até 1887, data da partida de Levy para a Europa, inclusive dois grandes concertos em homenagem ao Imperador D. Pedro II. Nesse Clube, Levy regeu pela primeira vez uma orquestra, apresentando a Primeira Sinfonia de Haydn. Não obstante as dificuldades inerentes a esse género de idealismo, conseguiu Levy fazer ouvir em S. Paulo algumas sinfonias de Haydn e de Beethoven, a abertura "Ruy Blas" de Mendelssohn, trechos de Massenet e o Concerto em sol menor para piano e orquestra, de Mendelssohn, do qual foi solista o seu irmão Luis Levy. O ultimo concerto do Clube Haydn deu-se a 3 de janeiro de 1887. Alexandre Levy tocou então a Polonaise op. 22, de Chopin, com acompanhamento de quinteto de cordas. (Trata-se de Andante Spianato e Grande Polonaise, para piano e orquestra). Sua permanência na Europa foi de poucos meses, pois no mesmo ano, levado pela saudade,

regressava ao Brasil. Fecundo porém foi o aproveitamento, pois frequentou os concertos e espetáculos dados no início daquela temporada, tomou lições com Emilio Durand e Vincenzo Ferroni, e fez-se ouvir a 19 de outubro, em Paris, nos salões do Barão de Arinos em recepção em homenagem a D. Pedro de Alcantara e sua família. Datam de então as Variações sobre o Bitu' seguidas depois de uma produção variada na qual se nota, ao lado da influencia romantica, principalmente de Schumann, evidente preocupação nacionalista como em "Suite Brasileira", para orquestra e "Tango Brasileiro" para piano. Deixou numerosas peças para este instrumento e mais "Comala", poema sinfonico; Sinfonia em mi, cantata para orquestra e vozes e o "Hymne au 14 Juillet", expressamente composto para a data nacional francesa e por ele dirigido em concerto realizado a 14 de julho de 1889. Da pollantéia publicada no Rio de Janeiro pela Gazeta Musical, em 1892, em homenagem ao musico recém-desaparecido, extraiamos as palavras seguintes, que bem mostram quanto se interessava ele pelo desenvolvimento artistico da sua cidade natal: "Como critico musical foi muito correto e apreciado e escreveu por muito tempo nas colunas do Correio Paulistano. Quantas e quantas vezes gr'ava contra o pouco caso que em S. Paulo se fazia dos artistas que lá iam dar concertos! Com o coração de verdadeiro amador pela arte, era o melhor protetor de todos os bons artistas que pisaram o solo paulista. Contam-se ás dezenas os concertos para os quais Alexandre Levy concorria graciosamente. A sua falta é grande e difficil de esquecer. Ultimamente a musica em S. Paulo não tinha seus setarios de outrora. S. Paulo vê-se privado de amadores musicos e ainda hoje é impossivel organizar-se uma orquestra regular. Era o desespero de Alexandre o não ter podido nunca ouvir as suas composições orquestrais. Pouco antes de sua morte, taciturno e descrente de tudo, dizia que é uma vergonha a musica no Brasil".

*

Comparar dados com o do livro de Alex. Nogueira sobre o movimento.

ALEXANDRE LEVY NA EUROPA EM 1887

Carlos Penteado de Rezende

Pouca gente desta paulicéia barulhenta de hoje poderá dizer ao certo quem foi Alexandre Levy. Alexandre Levy... Não, o nome não recorda nada de especial. Quando muito, algum morador do bairro do Cambuci poderá informar que por aquelas bandas existia uma rua com esse nome. Uma rua igual às outras. Mais nada!

Entretanto, Alexandre Levy possui um pequeno lugar na história da cidade de São Paulo e outro, de primeira plana, na história musical do Brasil. Faleceu em 17 de janeiro de 1892 com 28 anos de idade, apenas. Foi Alexandre Levy quem iniciou aqui o movimento nacionalista da música brasileira, cujos frutos, hoje, inscrevem o nome do nosso país como um dos de maior capacidade criadora.

"A Sertaneja", de Itiberê da Cunha, escrita em 1890, foi somente uma lusa precursora desse movimento. Tanto que o seu autor, diplomata de carreira e não um verdadeiro musicista, não insistiu na tentativa. Quanto a Alberto Nepomuceno — que por sinal nasceu no mesmo ano em que Alexandre Levy —, apontado como um dos que mais contribuíram para o desenvolvimento e o triunfo da tendência nativista, é preciso lembrar que as suas composições nesse gênero e o êxito que obtiveram datam de após o seu regresso da Europa em 1896, quando Alexandre Levy já não existia. Já a esse tempo o "Samba" de Levy era conhecido na capital federal, onde obtivera estrondoso êxito, em duas execuções no ano de 1890, sendo uma delas dirigida por Leopoldo Miguez, em comemoração ao primeiro aniversário da proclamação da República. Cronologicamente, pois, e quando mais não fosse, pelo simples fato de haver a sua obra alcançado repercussão popular antes que qualquer outro compositor nacional, parece-me bastante justo e acertado indicar o nome de Alexandre Levy como o iniciador desse movimento.

Este aspecto propriamente estético da personalidade de Alexandre Levy já tem sido mais ou menos estudado. E' o homem, entretanto, que dá a medida da obra, é o homem que explica a criação. Daí a curiosidade que sempre temos, depois de admirar um trabalho de arte, de conhecer melhor o seu autor. Inconscientemente, o que cada um de nós talvez pretenda é fazer um confronto, é descobrir no criador aquele substrato de sentimentos e de inquietações comuns a toda a humanidade. Não haveria gênios sem talentos se, escondido no peito de cada um de nós, simples homens do cotidiano, não houvesse uma pitada de grandeza potencial, forçando-nos a compreendê-los e a amá-los.

Há necessidade de conhecer melhor o "homem" Alexandre Levy. Não resta dúvida que aquele moço teve uma personalidade marcada. Disso são testemunhas todos os que privaram com ele. O homem se revela principalmente através dos fatos da vida. E que sabemos nós da vida de Alexandre Levy? Tão pouca coisa, que é para desanimar. Por conseguinte, o primeiro passo a ser dado é descobrir e registrar esses fatos. Não, porém, os que já se acham na conferência e nos artigos de Gelasio Pimenta e na conhecida "Polyanthéa", publicada pela "Gazeta Musical" do Rio de Janeiro, em 1892, logo após o falecimento de Levy.

E' um pequeno trabalho de pesquisa e de reconstituição, nesse sentido, que apresento agora ao público. O que se vai ler é quase tudo inédito e escapou dos labírios envelhecidos de um outro compositor brasileiro, o maestro João Gomes Junior, proveito e simpática figura dos nossos meios artísticos. João Gomes Junior, na sua moedada, conheceu muito bem Alexandre Levy e pôde agora, graças à sua memória singularmente lúcida, revelar-me uma porção de fatos interessantes. Amigo e companheiro de Alexandre Levy, na Europa, foi testemunha de uma fase da vida dele, que até hoje permanecia desconhecida. Ao maestro João Gomes Junior, a quem devo um bondoso e solícito acolhimento, pertence pois o maior mérito destas informações. Completando-as, servi-me das obras citadas acima, dos trabalhos de Renato de Almeida e Vincenzo Cernicliaro sobre a nossa história musical, de um guia Baedeker da cidade de Paris e de alguns esclarecimentos subsidiários gentilmente prestados pelo dr. Maurício Levy.

Não estão perfeitamente esclarecidas as circunstâncias que levaram Alexandre Levy à Europa. Desde maio de 1883, quando se fundou o Clube Haydn, em São Paulo, ele vinha aprimorando as suas inatas qualidades musicais, dando concertos de piano, sozinho ou a quatro mãos, com o seu irmão Lula Levy e com outras pessoas da sociedade local, compondo, estudando e regendo a orquestra do clube. Rapidamente, o seu nome tornou-se conhecido, admirado e... invejado. No ano de 1885, Alexandre Levy aperfeiçoou os estudos de Harmonia com o professor austríaco G. Wertheimer. Os progressos foram tais, que o professor, não teve outra saída senão recomendar à família Levy que enviasse o rapaz para a Europa, onde ele poderia realmente desenvolver-se. D. Laurette, mãe de Alexandre, relutou em aceitar a idéia, talvez com receio de se afastar do filho ou então, segundo Gelasio Pimenta, porque "não queria que ele se fizesse artista profissional".

E foi quando aconteceu a Alexandre Levy apaixonar-se por uma linda jovem. O "Allegro Apassionato", composto em 1887, A fruto desse amor que, diz Gelasio Pimenta, "lhe escaldou o peito". Quem era essa jovem? Até hoje, nenhuma referência foi feita sobre ela em livro, artigo ou conferência. Chamava-se Adelaide, era pianista e morava na antiga rua de São José. E era bonita de fato.

Tudo leva a crer que o romance não foi por diante; ou então teria havido qualquer oposição de família e nesse caso Alexandre Levy seria mais uma vítima daquele preconceito que mantia encetar os artistas, e especialmente os musicistas, como seres à parte da sociedade, incapazes de afecção continuada e de respeito aos costumes da família. Sentimental, Alexandre Levy deve ter sofrido muito com esse transe. A tristeza que o invadiu chegou a preocupar os pais, o que teria precipitado a viagem dele para a velha Europa. Esperavam todos que a mudança de ambiente e o curar-se do mal. Dois motivos, portanto, conduziram Alexandre Levy à Europa: o desejo de completar os estudos e o romance frustrado. Essa interpretação é minha e supunho-a autorizada pela sequência dos acontecimentos. De qualquer modo, é certo que a viagem ficou decidida numa das primeiras semanas de 1887. O ano começou melancolicamente, com chuvas na capital e na província, como narram os jornais da época. Em 10 de janeiro realizou-se um concerto do Club Haydn, que seria o último e o de despedida de Alexandre Levy. (Neste passo, tanto Gelasio Pimenta quanto a Polyanthéa se enganam, pois não se realizou o concerto de 3 de janeiro. Talvez o concerto tenha sido marcado para essa data e adiado. Mas a data em que de fato se realizou, como

ria expressão e aquela nitidez que, entre os pianistas desta capital, só elle possui (deixem passar os outros este assomo da justiça). Artisticamente, portanto, o derradeiro alento do Club Haydn foi um triunfo, triunfo esse cuja maior parte coube a Alexandre Levy, como sempre, desde que se fundara o clube.

Refere Gelasio Pimenta que a viagem foi decidida num relance, por ocasião de um jantar em casa da família Levy. Amigos da casa instaram com d. Laurette para que estudasse o filho ir completar os estudos na Europa. Ela acabou cedendo. "A distinta senhora consentiu na partida, não para estudos, mas apenas para um passeio. O rapaz deu pulos de contentamento e, antes que a sua progenitora se arrependesse, tratou de preparar as malas". As circunstâncias que rodeiam o fato provam a organização de caráter patriarcal, bem da época e bem brasileira, da família Levy, com a submissão dos jovens à vontade dos pais e, também, que havia mais interesse em que Alexandre fosse passear, distrair o espírito, do que propriamente estudar.

Por esse tempo Alexandre Levy tinha 22 anos. Tratou de obter seu passaporte, sem demora, e arranjou algumas cartas de recomendação. Gabriel Giraudon, um francês baixinho e divertido, que havia sido um dos primeiros mestres de Alexandre, deu-lhe uma apresentação para Ravenna. Nessa carta Giraudon escreveu que considerava Alexandre Levy de tendências um tanto ou quanto modernas e avançadas. Outras cartas eram dirigidas a Saint-Saens, Jules Massenet, Emile Durand, G. Ricordi, etc.

Alexandre embarcou sozinho num navio italiano e lá se foi Atlântico a fora, com o coração cheio de esperança e de ansiedade, rumo ao velho continente, onde tantos grandes musicistas viviam em plena glória. Da vez em quando devia lembrar-se do seu amor e ficar triste. Tanto assim que ao pôr os pés em solo europeu ainda se achava acabrunhado. Mas o sortilegio das mil e uma novidades do ambiente e a vida artística da península em breve haveriam da cura-lo.

O navio que o conduzia aportou em Gênova e dali Alexandre seguiu para Milão, patria de artistas, sede de conservatórios famosos. Milão, terra do Scala... Milão cheia de brasileiros! Era ali o consul do Brasil, nessa época, o dr. Lessa Paranhos, um amigo dos artistas. Alexandre hospedou-se no Hotel da Europa, situado no Corso Vittorio Emanuele. A posição do hotel, bem no centro da cidade, era ótima. Das suas janelas podiam-se avistar os fundos da grande catedral (o Duomo de Milão). Do lado direito havia a celebre Galeria Vittorio Emanuele, onde já nesse tempo estava instalada a Casa Ricordi. Um pouco antes, a Igreja de São Carlos e, ao lado, a pequena Galeria Christophoro.

Moravam a esse tempo na cidade uma porção de brasileiros. Entre eles o maestro João Gomes de Araújo, paulista, que havia ido à Europa, com três filhos, no ano de 1883, desfrutando uma das muitas pensões concedidas a artistas pelo Imperador. Senhor D. Pedro II. Um dos filhos tinha dezesete anos, era vivo, bulhoso e já estava no penúltimo ano do Conservatório, a expensas do governo da Província de São Paulo. Fora também D. Pedro II que conseguira essa pensão para o jovem musicista João Gomes Junior chamava-se ele.

Certo dia, Alexandre Levy foi bater à casa de João Gomes de Araújo e ficou conhecendo toda a família. Teve uma recepção cordial, à brasileira. Naturalmente conversaram sobre a patria, sobre a viagem, trocaram impressões sobre Milão e, ao chegarem ao capítulo da musica, João Gomes de Araújo convidou Alexandre a tocar qualquer coisa de sua autoria. Alexandre não se fez de rogado e, ao piano, executou um "Andante Canabile", as "Schumannianas" e as "Variações sobre o Vem-cá-Bitu". Foi tal o entusiasmo de João Gomes de Araújo, que logo mais conduziu Alexandre Levy à presença de Cesare Dominetti, professor catadral do Conservatório de Milão. Ao grupo juntou-se por acaso o professor de Harmonia e Contraponto, Alberto Giovanini. Com o desembaraço habitual, Alexandre Levy tocou para eles uma série de composições da sua autoria, causando admiração. Os dois velhos professores abraçaram Alexandre e um deles disse, comovido: "Não cumprimentamos um rapaz esperançoso; cumprimentamos um musicista completo!"

Cumpram agora corrigir um erro que vem reproduzido na Polyanthéa, na conferência de Gelasio Pimenta, e até na História da Musica Brasileira, de Renato Almeida. Ha nessas paginas a afirmação de que Alexandre Levy compôs as "Variações sobre o Vem-cá-Bitu", em Paris, certo dia em que se viu premido pelas saudades da patria e dos seus. Deve ter havido qualquer proposito de romantização no caso, porque a verdade é que ao chegar a Milão, já Alexandre Levy trazia prontas e sabidas tais "Variações". Tocou-

as no Conservatório para João Gomes de Araújo, Dominetti, Giovanini e João Gomes Junior, que foi o meu informante e que se responsabiliza pela veracidade do fato. A composição é dedicada a G. Wertheimer, amigo e professor de Alexandre. Duas hipóteses ha para o caso: ou Alexandre escreveu a musica em São Paulo, ou, aproveitando um plano que ha sempre a bordo, escreveu-a durante a viagem, quando se achava ainda melancólico devido à partida e à solidão. Pode-se perguntar, também, se não foram compostas em Milão, imediatamente após a sua chegada. De qualquer maneira, é inexacto afirmar que as "Variações sobre o Vem-cá-Bitu" foram criadas em Paris, num momento de nostalgia.

Cerca de três meses esteve Alexandre Levy em Milão (março, abril e maio), passeando, visitando monumentos historicos, travando relações com artistas. Era um rapaz ao mesmo tempo alzu-do, concentrado, e vivo de movimentos, cheio de curiosidade por todas as coisas. João Gomes Junior acompanhou-o muitas vezes, testemunhando o prazer que Alexandre sentia em contemplar as obras de arte e os monumentos de Milão. O seu maior prazer, entretanto, era ir aos teatros e aos concertos de grandes pianistas. Talvez procurasse com isso desforçar-se da carencia de espetáculos que havia na sua cidade natal. João Gomes Junior e Levy ouviram no "Scala" a estrela da opera "Flora Mirabilis", do compositor grego Spiro Samara. E' interessante registrar que a montagem da opera foi feita a expensas do Conservatório, como premio ao aluno mais distinto do curso. Embora apreciando-a bastante, foi essa a unica vez em que Alexandre Levy compareceu a opera, em Milão. Não que desgostasse do lirico; mas a sua preferencia nesse tempo era decididamente pelo genero sinfonico e de camera. Amava sobretudo a musica de quartetos.

Quando se cansava de trocar pernas pelas ruas de Milão, recolhia-se ao seu quarto do "Hotel da Europa", onde providenciava um plano de aluguel. Varias horas por dia ficava ao piano, improvisando e estudando. Improvisar era para ele um gosto especial; parecia até que o pensamento lhe escapava pela ponta dos dedos. O seu quarto, naturalmente, era o de um artista: sempre em desordem, com livros atirados sobre a cama, papéis em toda parte, roupas pelos cantos e até sobre o piano...

De vez em quando Alexandre caía em melancolia e permanencia calado por muito tempo. Assaltavam-lhe saudades da mulher com que havia sonhado e a tristeza envolvia-lhe o coração. Certo dia confessou a João Gomes Junior que havia precipitado a sua viagem mais por causa do que por qualquer outro motivo. Adelaide... Adelaide... E ali mesmo em Milão escreveu "Doute", romance em palavras para piano, dizendo a João Gomes Junior: "Escrevia-a saudades do meu amor". O que não impediu que este brincasse com Alexandre: "Deixe disso. Você preferiu a musica, logo se vê. Está aqui para estudar. A musica venceu os seus amores..."

A crise de melancolia passava e logo Alexandre tornava-se alegre, comunicativo. Convidava João Gomes Junior para irem visitar as casas de musica (Ricordi, De Luca, Sonzogno etc.). Em breve tornou-se conhecido dos proprietários, que sympathizavam com ele. Alexandre gostava de se encerrar nas cabinas de audição e ali permanecia varias horas tocando piano na maior intimidade artística com o pessoal da casa. De vez em quando pedia a João Gomes Junior que tocasse e em mais de uma ocasião elogiou as pequenas peças que este já começara a compor: uma tarantela, uma gavota, um minueto... "Prossiga rapaz — dizia ele — prossiga! Não deixe de estudar com seriedade. Cumpra a promessa que você fez à sua avozinha de Pandamonhangá..."

Um dia, foram os dois visitar a imponente e famosa catedral da cidade. Alexandre quis, por força, conhecer o grande orgão da catedral e o lugar do coro. Instou muito e só renunciou à idéa diante de um "Não!" categorico do responsavel. Eram proibidas as visitas.

Ao perceber que nada mais havia para conhecer em Milão e julgando chegado o momento de procurar um dos mestres a quem fora recomendado, com o fito de estudar a serio, Alexandre resolveu dirigir-se a Paris, a Mecca de todos os artistas. O mês de junho entrara radioso. Era o tempo em que os conservatórios concediam férias aos estudantes. Alexandre concertou então um plano. Criara bastante afecção por João Gomes Junior, então um rapazinho de seus dezesete anos. Se chegasse sozinho a Paris sentir-se-ia de novo deslocado e tristonho. Levaria, pois, consigo, o bom companheiro de Milão. Foi pedir licença ao pai, João Gomes de Araújo, para levá-lo, encorajando-se ele, Alexandre, de todas as despesas João Gomes de Araújo confiava em Alexandre Levy e não se opôs à pretendida viagem.

Para dizerem: o Conservatório e as outras instituições sempre levantaram barreiras e obstáculos ao desenvolvimento da musica brasileira. Alexandre Levy não pôde observar a realidade, pois não abriu livro nenhum, preferindo improvisar as suas idéias. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar piano, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar violão, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar guitarra, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar flauta, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar clarinete, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar fagote, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar trompa, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar trombone, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar tuba, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar bateria, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar teclado, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar violoncelo, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar contrabaixo, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar harpa, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar órgão, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar sinfonia, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar orquestra, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar concerto, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar opera, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar ballet, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar teatro, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar cinema, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar rádio, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar televisão, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar internet, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar celular, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar computador, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar tablet, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartphone, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartwatch, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartcar, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartcity, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartcountry, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartworld, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartuniverse, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smarteverything, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartnothing, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartanything, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartwherever, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartwhensoever, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartwhoever, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartwhatever, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartno matter, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin contempt of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin disregard of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartirrespective, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartregardless, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin spite of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin the face of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pôde aprender a tocar smartin defiance of, pois não teve um bom professor. Alexandre Levy não pô

IVY AND LEXA Nº 887

II

Carlos Penteado de Rezende

A história de João Gomes Junior, ao tomar o trem com Alexandre na "Estação Central" de Milão, às 13 horas, um dia de maio de 1987.

...antes. A viagem decorreu normalmente. Os dois amigos conversaram muito, trocando ideias e expondo projetos. Alexandre Levy mostrava-se expansivo, folheava catálogos e revistas e ouvia em casa. Lembrando-se do Brasil, lamentava que lá, em matéria de música, tudo fosse tão difícil. "Mas não aqui não é como no Brasil!", dizia ele estregando as mãos, como era do seu hábito, e sentenciava que a música brasileira são paisagens alpinas.

O trem galgou lentamente as montanhas, entrou pelos vales e, curiosos quilômetros do túnel Simplon, a mais de dois mil metros de altitude, atravessou toda a Suíça e, resfolegando, foi parar em localidades em que a hora da manhã seguinte, Alexandre trazia no bolso um guia de Paris, tendo escolhido como local de pouso, o "Hotel du Ville", na rua de Rivoli. Palando perfeitamente bem o francês, não lhe foi difícil orientar-se. Além do francês, falava Alexandre com certa desenvoltura o italiano e o espanhol. Possuía livros de música nessas línguas. Antes de morrer estava aprendendo o alemão, sonhando ir algum dia ouvir um festival de Wagner, em Bayreuth.

Demoraram-se poucos dias no Hotel de Ville: a imponente construção estilo Renascença francesa e as ideias um tanto vagas e vagas de consultoria com uma variedade dos dois artistas. Alexandre procurou outra acomodação para ambos. Escolheu uma casa familiar de antiga e seafra rua Trévise, no número 15, logo atrás do Boulevard Poissonnière e a uma quadra do "Grand Canal" elegante Boulevard des Italiens. Era uma casa de cinco andares, com os dois primeiros andares iluminados por electricidade e os restantes a gás. O quarto que tomavam ficava no terceiro andar. Na penúltima residência, Alexandre Levy tinha o mesmo quarto, porque a poucos passos poderia encontrar elementos para estudos e para diversão e os teatros. Dali era fácil, também, ir a Montmartre.

Junho e julho de 1887, período de férias, foram dois meses de descanso na vida de João Gomes Junior. Na companhia de Alexandre Levy conheceu os principais artistas e raros da Cidade-Luz. Há a

maneira em que não possuíam uma bicicleta e não saíam pelas ruas de Paris a passear. O verão estendeu-se em sua plenitude e nas sombrias alamedas de "Avenue des Champs Elysees" podiam os dois praticando um pouco de esportes. sentiu a alma leve, juvenil. Prolongavam às vezes a excursão até o famoso Bois de Boulogne. Alexandre gostava de associar. Andando a pé ou de bicicleta, volta e meia assobiava, deixando a sua imaginação divagar ao acaso das melodias melancólicas. E, curioso, as músicas desproporcionadas que lhe escapavam dos lábios acabavam sempre sempre por se transformar em motivos sincopados brasileiros.

Noutras ocasiões o passeio de Alexandre se estendia pelas margens do Sena. Tanta coisa havia para um forasteiro ver em Paris! A Torre Eiffel estava no começo da sua construção, desafiando a curiosidade dos incredulos que a julgavam impossível de ser erguida. No museu de Louvre, muitas horas ganhava Alexandre contemplando embevecido as numerosas salas, galerias e coleções artísticas. Tive ocasião de visitar baços estranhos, a Sorbonne, os conservatórios, os palácios, as bibliotecas, as igrejas, os monumentos, os jardins, os teatros, os "studios megasins", os cafés-concertos e os cabarés... No Jardim das Tulherias ele e João Gomes Junior tiraram certo dia uma fotografia, que se perdeu, ou que passou.

Era intensa a vida artística de Paris, muita coisa acontecia ali. Em poucos dias Alexandre sentia-se como peixe dentro d'água, no seu elemento habitual. A vida de tanta novidade, ficou até desproporcionada a vida, ele que de comum revelava um temperamento introvertido, fechado e reservado. As suas cartas para o Brasil iam chegando com espaços cada vez maiores, a ponto de o velho francês Luis Levy sentir-se saciedade, dizendo que se falassem notícias, acabaria cortando a mensagem.

Alexandre Levy era um rapaz de pouca altura, de rosto afilado, de cores sadias, nariz ligeiramente aquilado, cabelos castanhos e encaracolados, olhos também castanhos, sempre levantados, muito firmes e confiantes no futuro e o próximo. Usava bigodes e passos, a moda da época. Um rapaz simpático, sem ser bonito. Alexandre gostava de tratar bem os seus amigos e de fazer com eles uma grande flor branca. Tia ele

cança, em Paris, não só tinha razão de ser, como era uma espécie de dever de todos os dias. Alexandre frequentava as rodas sociais. Alem de tudo, Alexandre contava 22 anos. Estava em pleno ardor da mocidade e era a primeira vez que se via livre, sozinho, sem a vigilância dos pais. Explicava-se, pois, o entusiasmo de que se via possuído.

Certa vez, ele e João Gomes Jr. foram a uma casa de diversos elegantes, na rua Notre Dame de Lorette. O salão esquisitamente decorado, exibiu luzes em profusão, música, vinhos deliciosos e belas mulheres bem vestidas rodoplando com seus pares no espaço destinado às danças. Logo Alexandre conheceu uma das moças e com ela travou animada conversação. Interrogado por qual de uma vez, confirmou que de fato era um musicista. A moça, rindo, sorriu, foi buscar um programa imenso e perguntou-lhe qual das músicas ali mencionadas preferia. Alexandre apontou com o dedo a Abertura do "Tannhauser", não demorou e, de um salto contíguo ouviram-se as primeiras notas da peça de Wagner. Todos os convidados palmearam silenciosamente, como que por encanto, a fim de que a orquestra (verdadeira orquestra, à disposição dos músicos, dirigidos por ele) fosse confiante. Os aplausos foram gerais quando terminou, dizendo, até João Gomes Junior saiu do seu canto e veio apertar nos braços o amigo, exclamando: "Está tudo maravilhoso! Este músico brasileiro como eu!"

Estando o Conservatório em férias, Alexandre estudou durante algumas semanas, particularmente, Harmonia e Contraponto, com Emile Durand. Este teve ocasião de ler alguns trabalhos de Alexandre, jogando sem reserva a talentosa construção técnica de todos eles. Era seguida a ideia de que ali no ano em Paris, no quarto modesto do 3.º andar da rua Trévise, escrevia, cada dia, um movimento da sua Sinfonia, o "Andante Pomantico", que parece ser a melhor parte do trabalho. Quando chegou a conclusão na Rua Trévise até o fim da sua estada em Paris, como provam as cartas que escreveu a João

João Gomes Jr., recordando ao quarto, Alexandre conversando muito tempo antes de dormir. Alexandre de vez em quando falava com estudantes do Club Haydn, do irmão Luis Levy, de quem era muito amigo, e da sua família. Embora não fosse muito musical e não gostasse de emitir opinião sobre musicistas (era mesmo muito difícil arrancar dele qualquer opinião sobre o assunto), era preciso que fossem concertos para que Alexandre se interessasse. Onde houvesse música para ouvir, lá ia ele, com o sobretudo.

Na catedral de Notre-Dame, por exemplo, nos domingos durante a missa das dez horas se ouviam grandes coros acompanhados por órgão; ou então na lindíssima Igreja de Madeleine, toda rodeada de colunas à moda grega, cujos programas de órgão eram rigorosamente sacros. Ali ouviram mais de uma vez peças de Bach, Cesar Franck e outros grandes mestres. Alexandre Levy cerrava os olhos, emocionado, extasiado. Certa ocasião pegou nas mãos de João Gomes Jr. e sussurrou-lhe inclinando a cabeça: "Imagine ouvir Luis no Brasil... já não se pode levar nada disso!"

Certo dia os jornais anunciavam um grande concerto no Trocadéro, com a Nona Sinfonia de Beethoven. Alexandre prontamente correu a comprar a cadeira. A noite, porém, passou numa loja de música e trouxe consigo a partitura do mestre de Bonn. Estava em alemão, ao piano, no seu quarto iluminado a gás. No dia do concerto, ele e João Gomes Jr. tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, aninhando-se, tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, quando precisava experimentar a música. A orquestra era numerosa por uns duzentos profissionais e as massas corais, por um número ainda maior de cantores. O espetáculo foi soberbo. Alexandre acompanhou-o recorrendo neste ou naquele trecho à partitura. As vezes cotovelava João Gomes Jr., chamando sua atenção. Noutro momento, quando precisava de um bilhete e, dando-lhe um forte abraço, despediu-o do espetáculo. Alexandre ficou boquiaberto, não lhe fizera e cuja amizade lhe fora tão grata. O trem apitou, foi aliado de vagar Alexandre e noutro tempo, de gritar ao amigo na janela: "Até a próxima! Estude muito, tudo depende de você. De mim, não tenho nada a oferecer. A música e a execução produziram-me profunda impressão. Quase sempre ao voltarem de con-

guise a Milão, Alexandre, porém, permaneceu em Paris.

A cidade-luz possuía sortilégios capazes de enfeitar a qualquer um. Alexandre não teve tempo de conhecer a cidade suficiente. Prendiam-no agora em Paris outros cuidados, sobretudo os conexos à sua vida, a qual que Alexandre Levy não fosse assistir, Lamoureux e Colonne, por exemplo, estavam em pleno fúlgido musical, com os seus famosos e preparados concertos orquestrais. Alexandre não se atendeu muito com João Gomes Jr. a respeito dos trabalhos que tinha em mente escrever. Mas é evidente que o seu nome nenhum concerto se prendia à intenção de se aposar dos segredos e dos recursos da orquestra. Alexandre, no Brasil, conhecia os clássicos da música sinfônica lendo partituras, os concertos, os teatros, os programas de professores, de João Gomes Junior, que o acompanhara, e uma série de composições, com a virtuosidade e a alma que lhe eram peculiares. Mal terminara a sua vida, dirigindo-se à missão que lhe fora confiada. Os aplausos foram gerais quando terminou, dizendo, até João Gomes Junior saiu do seu canto e veio apertar nos braços o amigo, exclamando: "Está tudo maravilhoso! Este músico brasileiro como eu!"

Estando o Conservatório em férias, Alexandre estudou durante algumas semanas, particularmente, Harmonia e Contraponto, com Emile Durand. Este teve ocasião de ler alguns trabalhos de Alexandre, jogando sem reserva a talentosa construção técnica de todos eles. Era seguida a ideia de que ali no ano em Paris, no quarto modesto do 3.º andar da rua Trévise, escrevia, cada dia, um movimento da sua Sinfonia, o "Andante Pomantico", que parece ser a melhor parte do trabalho. Quando chegou a conclusão na Rua Trévise até o fim da sua estada em Paris, como provam as cartas que escreveu a João

João Gomes Jr., recordando ao quarto, Alexandre conversando muito tempo antes de dormir. Alexandre de vez em quando falava com estudantes do Club Haydn, do irmão Luis Levy, de quem era muito amigo, e da sua família. Embora não fosse muito musical e não gostasse de emitir opinião sobre musicistas (era mesmo muito difícil arrancar dele qualquer opinião sobre o assunto), era preciso que fossem concertos para que Alexandre se interessasse. Onde houvesse música para ouvir, lá ia ele, com o sobretudo.

Na catedral de Notre-Dame, por exemplo, nos domingos durante a missa das dez horas se ouviam grandes coros acompanhados por órgão; ou então na lindíssima Igreja de Madeleine, toda rodeada de colunas à moda grega, cujos programas de órgão eram rigorosamente sacros. Ali ouviram mais de uma vez peças de Bach, Cesar Franck e outros grandes mestres. Alexandre Levy cerrava os olhos, emocionado, extasiado. Certa ocasião pegou nas mãos de João Gomes Jr. e sussurrou-lhe inclinando a cabeça: "Imagine ouvir Luis no Brasil... já não se pode levar nada disso!"

Certo dia os jornais anunciavam um grande concerto no Trocadéro, com a Nona Sinfonia de Beethoven. Alexandre prontamente correu a comprar a cadeira. A noite, porém, passou numa loja de música e trouxe consigo a partitura do mestre de Bonn. Estava em alemão, ao piano, no seu quarto iluminado a gás. No dia do concerto, ele e João Gomes Jr. tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, aninhando-se, tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, quando precisava experimentar a música. A orquestra era numerosa por uns duzentos profissionais e as massas corais, por um número ainda maior de cantores. O espetáculo foi soberbo. Alexandre acompanhou-o recorrendo neste ou naquele trecho à partitura. As vezes cotovelava João Gomes Jr., chamando sua atenção. Noutro momento, quando precisava de um bilhete e, dando-lhe um forte abraço, despediu-o do espetáculo. Alexandre ficou boquiaberto, não lhe fizera e cuja amizade lhe fora tão grata. O trem apitou, foi aliado de vagar Alexandre e noutro tempo, de gritar ao amigo na janela: "Até a próxima! Estude muito, tudo depende de você. De mim, não tenho nada a oferecer. A música e a execução produziram-me profunda impressão. Quase sempre ao voltarem de con-

certos e notadas, Alexandre e João Gomes Jr., recordando ao quarto, Alexandre conversando muito tempo antes de dormir. Alexandre de vez em quando falava com estudantes do Club Haydn, do irmão Luis Levy, de quem era muito amigo, e da sua família. Embora não fosse muito musical e não gostasse de emitir opinião sobre musicistas (era mesmo muito difícil arrancar dele qualquer opinião sobre o assunto), era preciso que fossem concertos para que Alexandre se interessasse. Onde houvesse música para ouvir, lá ia ele, com o sobretudo.

Na catedral de Notre-Dame, por exemplo, nos domingos durante a missa das dez horas se ouviam grandes coros acompanhados por órgão; ou então na lindíssima Igreja de Madeleine, toda rodeada de colunas à moda grega, cujos programas de órgão eram rigorosamente sacros. Ali ouviram mais de uma vez peças de Bach, Cesar Franck e outros grandes mestres. Alexandre Levy cerrava os olhos, emocionado, extasiado. Certa ocasião pegou nas mãos de João Gomes Jr. e sussurrou-lhe inclinando a cabeça: "Imagine ouvir Luis no Brasil... já não se pode levar nada disso!"

Certo dia os jornais anunciavam um grande concerto no Trocadéro, com a Nona Sinfonia de Beethoven. Alexandre prontamente correu a comprar a cadeira. A noite, porém, passou numa loja de música e trouxe consigo a partitura do mestre de Bonn. Estava em alemão, ao piano, no seu quarto iluminado a gás. No dia do concerto, ele e João Gomes Jr. tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, aninhando-se, tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, quando precisava experimentar a música. A orquestra era numerosa por uns duzentos profissionais e as massas corais, por um número ainda maior de cantores. O espetáculo foi soberbo. Alexandre acompanhou-o recorrendo neste ou naquele trecho à partitura. As vezes cotovelava João Gomes Jr., chamando sua atenção. Noutro momento, quando precisava de um bilhete e, dando-lhe um forte abraço, despediu-o do espetáculo. Alexandre ficou boquiaberto, não lhe fizera e cuja amizade lhe fora tão grata. O trem apitou, foi aliado de vagar Alexandre e noutro tempo, de gritar ao amigo na janela: "Até a próxima! Estude muito, tudo depende de você. De mim, não tenho nada a oferecer. A música e a execução produziram-me profunda impressão. Quase sempre ao voltarem de con-

certos e notadas, Alexandre e João Gomes Jr., recordando ao quarto, Alexandre conversando muito tempo antes de dormir. Alexandre de vez em quando falava com estudantes do Club Haydn, do irmão Luis Levy, de quem era muito amigo, e da sua família. Embora não fosse muito musical e não gostasse de emitir opinião sobre musicistas (era mesmo muito difícil arrancar dele qualquer opinião sobre o assunto), era preciso que fossem concertos para que Alexandre se interessasse. Onde houvesse música para ouvir, lá ia ele, com o sobretudo.

Na catedral de Notre-Dame, por exemplo, nos domingos durante a missa das dez horas se ouviam grandes coros acompanhados por órgão; ou então na lindíssima Igreja de Madeleine, toda rodeada de colunas à moda grega, cujos programas de órgão eram rigorosamente sacros. Ali ouviram mais de uma vez peças de Bach, Cesar Franck e outros grandes mestres. Alexandre Levy cerrava os olhos, emocionado, extasiado. Certa ocasião pegou nas mãos de João Gomes Jr. e sussurrou-lhe inclinando a cabeça: "Imagine ouvir Luis no Brasil... já não se pode levar nada disso!"

Certo dia os jornais anunciavam um grande concerto no Trocadéro, com a Nona Sinfonia de Beethoven. Alexandre prontamente correu a comprar a cadeira. A noite, porém, passou numa loja de música e trouxe consigo a partitura do mestre de Bonn. Estava em alemão, ao piano, no seu quarto iluminado a gás. No dia do concerto, ele e João Gomes Jr. tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, aninhando-se, tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, quando precisava experimentar a música. A orquestra era numerosa por uns duzentos profissionais e as massas corais, por um número ainda maior de cantores. O espetáculo foi soberbo. Alexandre acompanhou-o recorrendo neste ou naquele trecho à partitura. As vezes cotovelava João Gomes Jr., chamando sua atenção. Noutro momento, quando precisava de um bilhete e, dando-lhe um forte abraço, despediu-o do espetáculo. Alexandre ficou boquiaberto, não lhe fizera e cuja amizade lhe fora tão grata. O trem apitou, foi aliado de vagar Alexandre e noutro tempo, de gritar ao amigo na janela: "Até a próxima! Estude muito, tudo depende de você. De mim, não tenho nada a oferecer. A música e a execução produziram-me profunda impressão. Quase sempre ao voltarem de con-

certos e notadas, Alexandre e João Gomes Jr., recordando ao quarto, Alexandre conversando muito tempo antes de dormir. Alexandre de vez em quando falava com estudantes do Club Haydn, do irmão Luis Levy, de quem era muito amigo, e da sua família. Embora não fosse muito musical e não gostasse de emitir opinião sobre musicistas (era mesmo muito difícil arrancar dele qualquer opinião sobre o assunto), era preciso que fossem concertos para que Alexandre se interessasse. Onde houvesse música para ouvir, lá ia ele, com o sobretudo.

Na catedral de Notre-Dame, por exemplo, nos domingos durante a missa das dez horas se ouviam grandes coros acompanhados por órgão; ou então na lindíssima Igreja de Madeleine, toda rodeada de colunas à moda grega, cujos programas de órgão eram rigorosamente sacros. Ali ouviram mais de uma vez peças de Bach, Cesar Franck e outros grandes mestres. Alexandre Levy cerrava os olhos, emocionado, extasiado. Certa ocasião pegou nas mãos de João Gomes Jr. e sussurrou-lhe inclinando a cabeça: "Imagine ouvir Luis no Brasil... já não se pode levar nada disso!"

Certo dia os jornais anunciavam um grande concerto no Trocadéro, com a Nona Sinfonia de Beethoven. Alexandre prontamente correu a comprar a cadeira. A noite, porém, passou numa loja de música e trouxe consigo a partitura do mestre de Bonn. Estava em alemão, ao piano, no seu quarto iluminado a gás. No dia do concerto, ele e João Gomes Jr. tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, aninhando-se, tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, quando precisava experimentar a música. A orquestra era numerosa por uns duzentos profissionais e as massas corais, por um número ainda maior de cantores. O espetáculo foi soberbo. Alexandre acompanhou-o recorrendo neste ou naquele trecho à partitura. As vezes cotovelava João Gomes Jr., chamando sua atenção. Noutro momento, quando precisava de um bilhete e, dando-lhe um forte abraço, despediu-o do espetáculo. Alexandre ficou boquiaberto, não lhe fizera e cuja amizade lhe fora tão grata. O trem apitou, foi aliado de vagar Alexandre e noutro tempo, de gritar ao amigo na janela: "Até a próxima! Estude muito, tudo depende de você. De mim, não tenho nada a oferecer. A música e a execução produziram-me profunda impressão. Quase sempre ao voltarem de con-

certos e notadas, Alexandre e João Gomes Jr., recordando ao quarto, Alexandre conversando muito tempo antes de dormir. Alexandre de vez em quando falava com estudantes do Club Haydn, do irmão Luis Levy, de quem era muito amigo, e da sua família. Embora não fosse muito musical e não gostasse de emitir opinião sobre musicistas (era mesmo muito difícil arrancar dele qualquer opinião sobre o assunto), era preciso que fossem concertos para que Alexandre se interessasse. Onde houvesse música para ouvir, lá ia ele, com o sobretudo.

Na catedral de Notre-Dame, por exemplo, nos domingos durante a missa das dez horas se ouviam grandes coros acompanhados por órgão; ou então na lindíssima Igreja de Madeleine, toda rodeada de colunas à moda grega, cujos programas de órgão eram rigorosamente sacros. Ali ouviram mais de uma vez peças de Bach, Cesar Franck e outros grandes mestres. Alexandre Levy cerrava os olhos, emocionado, extasiado. Certa ocasião pegou nas mãos de João Gomes Jr. e sussurrou-lhe inclinando a cabeça: "Imagine ouvir Luis no Brasil... já não se pode levar nada disso!"

Certo dia os jornais anunciavam um grande concerto no Trocadéro, com a Nona Sinfonia de Beethoven. Alexandre prontamente correu a comprar a cadeira. A noite, porém, passou numa loja de música e trouxe consigo a partitura do mestre de Bonn. Estava em alemão, ao piano, no seu quarto iluminado a gás. No dia do concerto, ele e João Gomes Jr. tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, aninhando-se, tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, quando precisava experimentar a música. A orquestra era numerosa por uns duzentos profissionais e as massas corais, por um número ainda maior de cantores. O espetáculo foi soberbo. Alexandre acompanhou-o recorrendo neste ou naquele trecho à partitura. As vezes cotovelava João Gomes Jr., chamando sua atenção. Noutro momento, quando precisava de um bilhete e, dando-lhe um forte abraço, despediu-o do espetáculo. Alexandre ficou boquiaberto, não lhe fizera e cuja amizade lhe fora tão grata. O trem apitou, foi aliado de vagar Alexandre e noutro tempo, de gritar ao amigo na janela: "Até a próxima! Estude muito, tudo depende de você. De mim, não tenho nada a oferecer. A música e a execução produziram-me profunda impressão. Quase sempre ao voltarem de con-

certos e notadas, Alexandre e João Gomes Jr., recordando ao quarto, Alexandre conversando muito tempo antes de dormir. Alexandre de vez em quando falava com estudantes do Club Haydn, do irmão Luis Levy, de quem era muito amigo, e da sua família. Embora não fosse muito musical e não gostasse de emitir opinião sobre musicistas (era mesmo muito difícil arrancar dele qualquer opinião sobre o assunto), era preciso que fossem concertos para que Alexandre se interessasse. Onde houvesse música para ouvir, lá ia ele, com o sobretudo.

Na catedral de Notre-Dame, por exemplo, nos domingos durante a missa das dez horas se ouviam grandes coros acompanhados por órgão; ou então na lindíssima Igreja de Madeleine, toda rodeada de colunas à moda grega, cujos programas de órgão eram rigorosamente sacros. Ali ouviram mais de uma vez peças de Bach, Cesar Franck e outros grandes mestres. Alexandre Levy cerrava os olhos, emocionado, extasiado. Certa ocasião pegou nas mãos de João Gomes Jr. e sussurrou-lhe inclinando a cabeça: "Imagine ouvir Luis no Brasil... já não se pode levar nada disso!"

Certo dia os jornais anunciavam um grande concerto no Trocadéro, com a Nona Sinfonia de Beethoven. Alexandre prontamente correu a comprar a cadeira. A noite, porém, passou numa loja de música e trouxe consigo a partitura do mestre de Bonn. Estava em alemão, ao piano, no seu quarto iluminado a gás. No dia do concerto, ele e João Gomes Jr. tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, aninhando-se, tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, quando precisava experimentar a música. A orquestra era numerosa por uns duzentos profissionais e as massas corais, por um número ainda maior de cantores. O espetáculo foi soberbo. Alexandre acompanhou-o recorrendo neste ou naquele trecho à partitura. As vezes cotovelava João Gomes Jr., chamando sua atenção. Noutro momento, quando precisava de um bilhete e, dando-lhe um forte abraço, despediu-o do espetáculo. Alexandre ficou boquiaberto, não lhe fizera e cuja amizade lhe fora tão grata. O trem apitou, foi aliado de vagar Alexandre e noutro tempo, de gritar ao amigo na janela: "Até a próxima! Estude muito, tudo depende de você. De mim, não tenho nada a oferecer. A música e a execução produziram-me profunda impressão. Quase sempre ao voltarem de con-

certos e notadas, Alexandre e João Gomes Jr., recordando ao quarto, Alexandre conversando muito tempo antes de dormir. Alexandre de vez em quando falava com estudantes do Club Haydn, do irmão Luis Levy, de quem era muito amigo, e da sua família. Embora não fosse muito musical e não gostasse de emitir opinião sobre musicistas (era mesmo muito difícil arrancar dele qualquer opinião sobre o assunto), era preciso que fossem concertos para que Alexandre se interessasse. Onde houvesse música para ouvir, lá ia ele, com o sobretudo.

Na catedral de Notre-Dame, por exemplo, nos domingos durante a missa das dez horas se ouviam grandes coros acompanhados por órgão; ou então na lindíssima Igreja de Madeleine, toda rodeada de colunas à moda grega, cujos programas de órgão eram rigorosamente sacros. Ali ouviram mais de uma vez peças de Bach, Cesar Franck e outros grandes mestres. Alexandre Levy cerrava os olhos, emocionado, extasiado. Certa ocasião pegou nas mãos de João Gomes Jr. e sussurrou-lhe inclinando a cabeça: "Imagine ouvir Luis no Brasil... já não se pode levar nada disso!"

Certo dia os jornais anunciavam um grande concerto no Trocadéro, com a Nona Sinfonia de Beethoven. Alexandre prontamente correu a comprar a cadeira. A noite, porém, passou numa loja de música e trouxe consigo a partitura do mestre de Bonn. Estava em alemão, ao piano, no seu quarto iluminado a gás. No dia do concerto, ele e João Gomes Jr. tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, aninhando-se, tomaram seus lugares no enorme salão, com paciência para cinco mil pessoas, quando precisava experimentar a música. A orquestra era numerosa por uns duzentos profissionais e as massas corais, por um número ainda maior de cantores. O espetáculo foi soberbo. Alexandre acompanhou-o recorrendo neste ou naquele trecho à partitura. As vezes cotovelava João Gomes Jr., chamando sua atenção. Noutro momento, quando precisava de um bilhete e, dando-lhe um forte abraço, despediu-o do espetáculo. Alexandre ficou boquiaberto, não lhe fizera e cuja amizade lhe fora tão grata. O trem apitou, foi aliado de vagar Alexandre e noutro tempo, de gritar ao amigo na janela: "Até a próxima! Estude muito, tudo depende de você. De mim, não tenho nada a oferecer. A música e a execução produziram-me profunda impressão. Quase sempre ao voltarem de con-

tação, mal podia adivinhar que cinquenta e oito anos mais tarde seria a única pessoa capaz de dar notícias da vida de Levy, naquelas datas rápidas e felizes meses de Paris.

Sobrinho em Paris, Alexandre prosseguiu na sua vida de estudos e divertimentos, repartindo o tempo entre mediações, trabalhos, passeios, concertos e Montmartre. Costava de ir a lugares alegres. Às vezes, na confusão do ambiente, puxava de um caderninho de apontamentos que trazia sempre no bolso e tomava nota de algum tema que de perto o interessava. Continuou a ir aos teatros também, onde teve ocasião de assistir a óperas, como "Africana", "Romeu e Julieta", "Faust", "Cid" e outras grandes peças.

Agosto e setembro decorreram sem novidades dignas de registro. E provável que nesse período calou-se a vida de Alexandre. E para, portanto, a vida da Sinfonia, já que dispunha de maior solido e que haviam cessado as atenções sobre João Gomes Junior, por quem prometia zelar. No mês de outubro, porém, dois acontecimentos imprevistos marcaram a sua vida. Um foi a comemoração do centenario da primeira audição, em Praga, do "Don Juan" de Mozart, uma representação de gala, dirigida por Gounod. Foi um espetáculo magnífico, que suscitou o entusiasmo do espírito do jovem musicista.

O outro foi o convite que lhe endereçaram para comparecer aos estudos de Alexandre. E para, portanto, a vida da Sinfonia, já que dispunha de maior solido e que haviam cessado as atenções sobre João Gomes Junior, por quem prometia zelar. No mês de outubro, porém, dois acontecimentos imprevistos marcaram a sua vida. Um foi a comemoração do centenario da primeira audição, em Praga, do "Don Juan" de Mozart, uma representação de gala, dirigida por Gounod. Foi um espetáculo magnífico, que suscitou o entusiasmo do espírito do jovem musicista.

Nessa recepção Alexandre arranjou um outro companheiro, também bem musicista, para a sua vida parisiense. Era um rapaz brasileiro de uns dezesseis anos, chamado de Milão, Gerals chamado Francisco Valle, que tinha certo talento e que mais tarde foi aluno de alguns trabalhos de Alexandre Levy. Incluiu o "Samba" parou escritos depois do seu retorno ao Brasil, com quem viajava foi realmente proveitoso.

Depois, três dias depois, de volta de um encontro com Alexandre Francisco Valle, Alexandre Levy escreveu no seu caderno de notas: "Francisco Valle conheceu-se fortíssimo em bem tocar. Tinha talento o rapaz e há de dar boas colas". Duas semanas mais tarde, as notas de Alexandre Levy, em 6 de novembro foram ambas assistir ao ultimo concerto Colonne da Sinfonia de Beethoven. Ovidio a primeira vez na sua vida, Francisco Valle conheceu-se fortíssimo, a ponto de cair em delírio pranto.

(Francisco Valle haveria de voltar ao Brasil alguns anos mais tarde, para trabalhar em uma usina siderúrgica, suicidando-se em 1908 atirando-se às águas do Paraíba. Delsou alguns trabalhos sinfônicos de valor. Não temos notícias de qualquer escrito ou depoimento seu sobre a música e musicistas brasileiros, mas sabe-se que alguma coisa de interessante deveria saber sobre os últimos dias de Alexandre Levy, em Paris).

10 de novembro foi a data de mais um aniversário de Alexandre Levy e não temos informações de como transcorreu. Nesse dia Alexandre completou 23 anos e, ao que parece viveu sozinho em Paris, longe da família, sofrendo saudades dos seus. Já desde algum tempo vinha ele manifestando sintomas de crescente nostalgia. Era mesmo uma alma brasileira, educada na afeição familiar, que não podia dispensar os estudos de Alexandre. E para, portanto, a vida da Sinfonia, já que dispunha de maior solido e que haviam cessado as atenções sobre João Gomes Junior, por quem prometia zelar. No mês de outubro, porém, dois acontecimentos imprevistos marcaram a sua vida. Um foi a comemoração do centenario da primeira audição, em Praga, do "Don Juan" de Mozart, uma representação de gala, dirigida por Gounod. Foi um espetáculo magnífico, que suscitou o entusiasmo do espírito do jovem musicista.

Apontou as mãos e em tardança, nesse mesmo mês de novembro, despediu-se dos amigos que ficava, de alguns trabalhos de Alexandre Levy. Incluiu o "Samba" parou escritos depois do seu retorno ao Brasil, com quem viajava foi realmente proveitoso.

em Paris

ALEXANDRE LEVY NA EUROPA EM 1887

I

Carlos Penteado de Rezende

Pouca gente desta paulicéia ba-
ruenha de hoje poderá dizer ao
certo quem foi Alexandre Levy.
Alexandre Levy... Não, o nome
não recorda nada de especial.
Quando muito, algum morador do
bairro do Cambuci poderá infor-
mar que por aquelas bandas exis-
tia uma rua com esse nome. Uma
rua igual às outras. Mais nada!

Entretanto, Alexandre Levy pos-
sui um pequeno lugar na histó-
ria da cidade de São Paulo e ou-
tro, de primeira plana, na histó-
ria musical do Brasil. Faleceu em
17 de janeiro de 1892 com 28 anos
de idade, apenas. Foi Alexandre
Levy quem iniciou aqui o movi-
mento nacionalista da música bra-
sileira, cujos frutos, hoje, inscre-
vem o nome do nosso país como
um dos de maior capacidade cria-
dora.

"A Bertaneja", de Itiberê da
Cunha, escrita em 1880, foi so-
mente uma lus precursora desse
movimento. Tanto que o seu au-
tor, diplomata de carreira e não
um verdadeiro musicista, não in-
sistiu na tentativa. Quanto a Al-
berto Napomuceno — que por al-
guns nascu no mesmo ano em que
Alexandre Levy — apontado co-
mo um dos que mais contribuíram
para o desenvolvimento e o triun-
fo da tendência nativista, é preci-
so lembrar que as suas composi-
ções nesse gênero e o êxito que
obtiveram datam de após o seu
regresso da Europa em 1896, quan-
do Alexandre Levy já não existia.
Já a esse tempo o "Samba" de Le-
vi era conhecido na capital fede-
ral, onde obtivera estrondoso êxi-
to, em duas execuções no ano de
1890, sendo uma delas dirigida por
Leopoldo Miguez, em comemora-
ção ao primeiro aniversário da
proclamação da República. Crono-
logicamente, pois, e quando mais
não fosse pelo simples fato de
haver a sua obra alcançado re-
percussão popular antes que qual-
quer outro compositor nacional,
parece-me bastante justo e acer-
tado indicar o nome de Alexandre
Levy como o iniciador desse movi-
mento.

Este aspecto propriamente es-
tético da personalidade de Ale-
xandre Levy já tem sido mais ou
menos estudado. E o homem,
entretanto, que dá a medida da
obra, é o homem que explica a
criação. Daí a curiosidade que
sempre temos, depois de admirar
um trabalho de arte, de conhecer
melhor o seu autor. Inconscien-
temente, o que cada um de nós
talvez pretenda é fazer um con-
fronto, é descobrir no criador
aquele substrato de sentimentos e
de inquietações comuns a toda a
humanidade. Não haveria genios
nem talentos se, escondido no pe-
lto de cada um de nós, simples ho-
mens do cotidiano, não houvesse
uma pitada de grandeza poten-
cial, forçando-nos a compreende-
los e a amá-los.

É a necessidade de conhecer me-
lhor o "homem" Alexandre Levy.
Não resta dúvida que aquele mo-
ço teve uma personalidade mar-
cada. Disso são testemunhas to-
dos os que privaram com ele. O
homem se revela principalmente
através dos fatos da vida. E que
sabemos nós da vida de Alexan-
dre Levy? Tão pouca coisa, que é
para desanimar. Por consequen-
te, o primeiro passo a ser dado é
descobrir e registrar esses fatos.
Não, porém, os que já se acham
na conferência e nos artigos de
Gelasio Pimenta e na conhecida
"Polianthéa", publicada pela "Ga-
zeta Musical" do Rio de Janeiro,
em 1892, logo após o falecimento
de Levy.

É um pequeno trabalho de
pesquisa e de reconstrução, nes-
se sentido, que apresento agora
ao público. O que se vai ler é
quase tudo inédito e escapou dos
labios envelhecidos de um outro
compositor brasileiro, o maestro
João Gomes Junior, proleto e
simpatizante figura dos nos-
sos meios artísticos. João Go-
mes Junior, na sua modesta
de "compêndio" sobre a vida de
Alexandre Levy e pôde agora, graças
à sua memória singularmente lu-
cida, revelar-me uma porção de
fatos interessantes. Amigo e
companheiro de Alexandre Le-
vi, na Europa, foi testemunha de
uma fase da vida dele, que até
hoje permanecia desconhecida. Ao
maestro João Gomes Junior, a
quem devo um bom e útil e solici-
to acolhimento, pertence pois o maior
mérito desta informação. Com-
pletando-as, servi-me das obras
citadas acima, dos trabalhos de
Renato de Almeida e Vincenzo
Cernicchiaro sobre a nossa histó-
ria musical, de um guia Baedeker
da cidade de Paris e de alguns
 esclarecimentos subsidiários gen-
tilmente prestados pelo dr. Mauri-
cio Levy.

Não estão perfeitamente escla-
recidas as circunstâncias que le-
varam Alexandre Levy à Europa.
Desde maio de 1883, quando se
fundou o Clube Haydn, em São
Paulo, ele vinha aprimorando as
suas inatas qualidades musicais,
dando concertos de piano, sozinho
ou a quatro mãos, com o seu ir-
mão Luis Levy e com outras pes-
soas da sociedade local, compon-
do, estudando e regendo a orques-
tra do clube. Rapidamente, o seu
nome tornou-se conhecido, admi-
rado e... invejado. No ano de
1885, Alexandre Levy aperfeiçoou
os estudos de Harmonia com o
professor austríaco G. Werthei-
mer. Os progressos foram tais,
que o professor não teve outra
saída senão recomendar à família
Levy que enviasse o rapaz para a
Europa, onde ele poderia realmen-
te ilustrar-se. D. Laurette, mãe
de Alexandre, relutou em aceitar
a idéia, talvez com receio de se
afastar do filho ou então, segun-
do Gelasio Pimenta, porque "não
queria que ele se fizesse artista
profissional".

Foi quando aconteceu a Ale-
xandre Levy apaixonar-se por uma
linda jovem. O "Allegro Apaasio-
nato", composto em 1887, é fruto
desse amor que, diz Gelasio Pi-
mento, "lhe escaldou o peito".

Quem era essa jovem? Até hoje,
nenhuma referência foi feita so-
bre ela em livro, artigo ou confe-
rência. Chamava-se Adelaide, era
pianista e morava na antiga rua
de São José. E era bonita de
fato.

Tudo leva a crer que o romance
não foi por diante; ou então teria
havido qualquer oposição de fa-
mília e nesse caso Alexandre Levy
seria mais uma vítima daquele
preconceito que manda encerrar os
artistas, e especialmente os musi-
cistas, como seres à parte da so-
ciedade, incapazes de afeição con-
tinuada e de respeito aos costumes
da família.

Sentimental, Alexandre Levy de-
ve ter sofrido muito com esse tran-
se. A tristeza que o invadiu
chegou a preocupar os pais, o que
teria precipitado a viagem dele
para a velha Europa. Esperavam
tudo que a mudança de ambien-
te e o curar-se do mal. Dois moti-
vos, portanto, conduziram Alexan-
dre Levy à Europa: o desejo de
completar os estudos e o romance
frustrado. Essa interpretação é
minha e supunha-a autorizada pe-
la sequência dos acontecimentos.

De qualquer modo, é certo que a
viagem ficou decidida numa das
primeiras semanas de 1887. O ano
começou chuvoso na capital e na
provincia, como narram os jornais
da época. Em 10 de janeiro rea-
lizou-se um concerto do Clube
Haydn, que seria o último e o de
despedida de Alexandre Levy.

Neste passo, tanto Gelasio Pi-
menta quanto a Polianthéa se en-
ganam, pois não o último concer-
to do "Haydn" como realizado
nos 3 de janeiro. Talvez o con-
certo tenha sido marcado para
essa data e adiado. Mas a data
em que de fato se realizou, como
se pode ver no "Correio Paulista-
no", foi 10 de janeiro de 1887.
Dois dias depois, esse jornal no-
ticiava o concerto, assinalando a
presença de um público reduzido,
talvez devido às chuvas. O últi-
mo número do programa esteve a
cargo de Alexandre Levy, que in-
terpretou ao piano "Andante Splen-
dido" e "Grand Polonaise Brilla-
nte", opus 22, de Chopin, accom-
panhado por um quinteto de
cordas. Escreveu o cronista do "Cor-
reio Paulistano": "Para nós foi es-
ta última a peça capital que
executou. O sr. Alexandre Levy
tocou-a de cor, com extraordina-

ria expressão e aquela nitidez
que, entre os pianistas desta capi-
tal, só elle possui (deixem passar
os outros este assunto de justiça)".
Artisticamente, portanto, o der-
rafeiro alento do Clube Haydn foi
um triunfo, triunfo esse cuja me-
lhor parte coube a Alexandre Le-
vy, como sempre, desde que se
fundara o clube.

Refere Gelasio Pimenta que a
viagem foi decidida num relance,
por ocasião de um jantar na casa
da família Levy. Amigos da casa
instaram com d. Laurette para que
deixasse o filho ir completar os
estudos na Europa. Ela acabou
cedendo. "A distinta senhora con-
sentiu na partida, não para estu-
dos, mas apenas para um passeio.
O rapaz deu pulos de contentamen-
to e, antes que a sua progenitora
se arrependesse, tratou de prepa-
rar as malas". As circunstâncias
que rodeiam o fato provam a or-
ganização de caráter patriarcal,
bem da época e bem brasileira, da
família Levy, com a submissão das
jovens à vontade dos pais e, tam-
bem, que havia mais interesse em
que Alexandre fosse passar, dis-
trair o espírito, do que proprie-
mente estudar.

Por esse tempo Alexandre Levy
tinha 22 anos. Tratou de obter
seu passaporte, sem demora, e ar-
ranjou algumas cartas de recomen-
dação. Gabriel Giraudon, um fran-
cês baixinho e divertido, que havia
sido um dos primeiros mestres de
Alexandre, deu-lhe uma apresen-
tação para Ravina. Nessa carta
Giraudon escreveu que considera-
va Alexandre Levy de tendências
um tanto ou quanto modernas e
avançadas. Outras cartas eram
dirigidas a Saint-Saens, Jules Mas-
senet, Emile Durand, G. Ricordi,
etc.

Alexandre embarcou sozinho num
navio italiano e lá se foi Atlan-
tico a fora, com o coração cheio
de esperança e de ansiedade, ru-
mado ao velho continente, onde tan-
tos grandes musicistas viam em
plena glória. De vez em quan-
do devia lembrar-se do seu amor e
ficar triste. Tanto assim que ao
pôr os pés em solo europeu ainda
se achava acoburnhado. Mas o
sortilégio das mil e uma novida-
des do ambiente e a vida artís-
tica da península em breve havi-
am de curá-lo.

O navio que o conduzia aportou
em Génova e dali Alexandre se-
guiu para Milão, patria de artis-
tas, sede de conservatórios famo-
sos. Milão, terra do Scala... Mi-
lão cheia de brasileiros! Era ali
consul do Brasil, nessa época, o
dr. Lessa Paranhos, um amigo
dos artistas. Alexandre, hospede-
do no Hotel da Europa, situa-
do no Corso Vittorio Emanuele. A
posição do hotel, bem no centro
da cidade, era ótima. Das suas
janelas podiam-se avistar os fun-
dos da grande catedral (o Duomo
de Milão). De lado direito havia
a celebre Galeria Vittorio Ema-
nuele, onde já nesse tempo estava
instalada a Casa Ricordi. Um pou-
co antes, a Igreja de São Carlos e,
ao lado, a pequena Galeria Chris-
tophoro.

Moravam a esse tempo na cida-
de uma porção de brasileiros. En-
tre eles o maestro João Gomes de
Araújo, paulista, que havia ido à
Europa, com três filhos, no ano
de 1883, desfrutando uma das mul-
tas pensões concedidas a artistas
pelo Imperador Senhor D. Pedro II.
Um dos filhos tinha, dezesete
anos, era vivo, bulhoso e já estava
no penúltimo ano do Conservató-
rio, a expensas do governo e da Pro-
vincia de São Paulo. Fora também
D. Pedro II que conseguira essa
pensão para o jovem musicista.
João Gomes Junior chamava-se
ele.

Certo dia, Alexandre Levy foi
bater à casa de João Gomes de
Araújo e ficou conhecendo toda
a família. Teve uma recepção cor-
dial, à brasileira. Naturalmente
conversaram sobre a patria, sobre
a viagem, trocaram impressões so-
bre Milão e, ao chegarem ao ca-
pítulo da musica, João Gomes de
Araújo convidou Alexandre a tocar
qualquer coisa de sua autoria. Ale-
xandre não se fez de rogado e, ao
plano, executou um "Andante
Cantabile", as "Schumannianas" e
as "Variações sobre o Vem-cá-Bitu".
Foi tal o entusiasmo de João
Gomes de Araújo, que logo mais
conduziu Alexandre Levy à presen-
ça de Cesare Dominiconi, profes-
sor catedrático do Conservatório de
Milão.

Ao grupo juntou-se por
acaso o professor de Harmonia e
Contraponto, Alberto Giovanini.
Com o desembaraço habitual, Ale-
xandre Levy tocou para eles ou-
virem uma série de composições
da sua autoria, causando admira-
ção. Os dois velhos professores
abraçaram Alexandre e um deles
disse, comovido: "Não cumprimos
mentamos um rapaz esperançoso;
cumprimentamos um musicista
completo!"

Cumpra agora corrigir um erro
que vem reproduzido na Polyan-
théa, na conferência de Gelasio
Pimenta, e até na História da
Musica Brasileira, de Renato Al-
meida. Ha nessas paginas a afir-
mação de que Alexandre Levy
compôs as "Variações sobre o
Vem-cá-Bitu", em Paris, certo dia
em que se viu premido pelas sau-
dades da patria e dos seus. Deve-
r havido qualquer proposito de
romantização no caso, porque a
verdade é que ao chegar a Milão,
já Alexandre Levy trazia prontas
e sabidas tais "Variações". Tocou-

as no Conservatório para João
Gomes de Araújo, Dominiconi,
Giovanini e João Gomes Junior,
que foi o meu informante e que
se responsabiliza pela veracidade
do fato. A composição é dedicada
a G. Wertheimer, amigo e profes-
sor de Alexandre. Duas hipóteses
há para o caso: ou Alexandre es-
creveu a musica em São Paulo,
ou, aproveitando um plano que ha-
via sempre a bordo, escreveu-a duran-
te a viagem, quando se achava ain-
da melancólico devido à partida e
à solidão. Pode-se perguntar, tam-
bem, se não foram compostas em
Milão, imediatamente após a sua
chegada. De qualquer maneira é
inexato afirmar que as "Variações
sobre o Vem-cá-Bitu" foram cria-
das em Paris, num momento de
nostalgia.

Cerca de três meses esteve Ale-
xandre Levy em Milão (março,
abril e maio), passeando, visitan-
do monumentos históricos, tra-
vando relações com artistas. Era
um rapaz ao mesmo tempo sizu-
do, concentrado, e vivo de movi-
mentos, cheio de curiosidade por
todas as coisas. João Gomes Ju-
nior acompanhou-o muitas vezes,
testemunhando o prazer que Ale-
xandre sentia em contemplar as
obras de arte e os monumentos de
Milão. O seu maior prazer, entre-
tanto, era ir aos teatros e aos con-
certos de grandes pianistas. Tal-
vez procurasse com isso destor-
rar-se da carencia de espetáculos
que havia na sua cidade natal.
João Gomes Junior e Levy ouvi-
ram no "Scala" a estrela da ope-
ra "Flora Mirabilis", do composi-
tor grego Spiro Samara. É inter-
essante registrar que a montagem
da opera foi feita a expensas do
Conservatório, como premio ao
aluno mais distinto do curso. Em-
bora apreciando-a bastante, foi es-
sa a única vez em que Alexandre
Levy compareceu à opera, em Mi-
lão. Não que desgostasse do lirico;
mas a sua preferência nesse tem-
po era decididamente pelo gênero
sinfônico e de camera. Amava so-
bretudo a musica de quartetos.

Quando se cansava de trocar
pernas pelas ruas de Milão, reco-
lhia-se ao seu quarto do "Hotel
da Europa", onde providenciara
um plano de aluguel. Varias horas
por dia ficava ao piano, improvi-
sando e estudando. Improvisar era
para ele um gosto especial; pare-
cia até que o pensamento lhe
escapava pela ponta dos dedos. O
seu quarto, naturalmente, era o
de um artista: sempre em desor-
dem, com livros atirados sobre a
cama, papéis em toda parte, rou-
pas pelos cantos e até sobre o
piano...

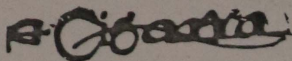
De vez em quando Alexandre
cacia em melancolia e permanencia
calado por muito tempo. Assa-
lavam-lhe saudades da mulher
com que havia sonhado e a tris-
teza envolvia-lhe o coração. Cer-
to dia confessou a João Gomes
Junior que havia precipitado a
sua viagem mais por causa dela
por qualquer outro motivo. Ade-
laide... Adelaide... E ali mesmo
em Milão escreveu "Doute", ro-
mança sem palavras para piano,
dizendo a João Gomes Junior: "Es-
crevia-a saudoso do meu amor".
O que não impediu que este brin-
casse com Alexandre: "Deixe disso.
Você preferiu a musica, logo se
vá. Está aqui para estudar. A
musica venceu os seus amores..."

A crise de melancolia passava e
logo Alexandre tornava-se alegre,
comunicativo. Convidava João Go-
mes Junior para irem visitar as
casas de musica (Ricordi, De Luca,
Sonzogno etc.). Em breve tor-
nou-se conhecido dos proprietá-
rios, que sympathizavam com ele.
Alexandre gostava de se encerrar
nas cabanas de audição e ali per-
manecia varias horas tocando
plano na maior intimidade artís-
tica com o pessoal da casa. De vez
em quando pedia a João Gomes
Junior que focasse e em mais de
uma ocasião elogiou as pequenas
peças que este já começara a com-
por: uma tarantela, uma gavota,
um minuetto... "Prossiga, rapaz —
dizia ele — prossiga! Não de-
ixe de estudar com seriedade. Cum-
pra a promessa que você fez à sua
avozinha de Pindamonhangaba..."

Um dia, foram os dois visitar a
imponente e famosa catedral da
cidade. Alexandre quis, por força,
conhecer o grande órgão da cate-
dral e o lugar do coro. Insistiu
muito e só renunciou à idéa
diante de um "Não!" categorico
do responsável. Eram proibidas as
visitas.

Ao perceber que nada mais ha-
via para conhecer em Milão e jul-
gando chegado o momento de
procurar um dos mestres a quem
fora recomendado, com o fito de
estudar a serio, Alexandre resolveu
dirigir-se a Paris, a Mecca de to-
dos os artistas. O mês de junho
entrara radioso. Era o tempo em
que os conservatórios concediam féri-
as aos estudantes. Alexandre
concertou então um plano. Criara
bastante afeição por João Gomes
Junior, então um rapazinho de
seus dezessete anos. Se chegasse so-
zinho a Paris sentir-se-ia de novo
deslocado e tristonho. Levaria, pois,
consigo, o bom companheiro de
Milão. Foi pedir licença ao pai,
João Gomes de Araújo, para le-
vá-lo, encaregando-o de, Alexan-
dre, de todas as despesas. João
Gomes de Araújo confiava em
Alexandre Levy e não se opôs à
pretendida viagem.

Dr. L. F. IV/85



lherme de Almeida, recebendo do selecto e numeroso auditorio os mais carinhosos applausos.

Festas como essa que se acaba de realizar em homenagem ao grande vulto da literatura brasileira não se apagam nunca da memoria daquelles que a puderam apreciar.



Musica

Sociedade Quartetto Paulista

No dia 7 de Fevereiro realizará a Sociedade Quartetto Paulista, que se fundou nesta capital sob os melhores auspícios, o seu quarto sarau, com um magnifico programma.

Além dos reputados professores Zacharias Autuori, Walter Rieley, Guido Arcolani e Mario Camerini, que formam o excellente conjunto de cordas, exhibir-se-á a notavel pianista brasileira Antonietta Rudge Miller, que ha alguns annos não se tem apresentado em publico e presenteará o auditorio com algumas peças de seu vasto repertorio.

Vae ser uma finissima noite de arte, para a qual se pode prognosticar um completo successo.



Quartetto Aschermann

Tivemos ensejo de ouvir, no salão da Casa Bevilacqua, uma interessante audição do Quartetto Aschermann, constituido pelos srs. prof. Carlos Aschermann (primeiro violino) Durval Moraes (segundo violino) Carlos Azevedo (viola) e senhorita Cecilia Swarg (violoncello).

Apreciamos immensamente, nessa audição, um finissimo Quartetto do talentoso compositor paulista dr. Ezequiel Ramos Junior, musicista de forte envergadura, que uma excessiva modestia tem privado dos applausos do publico. O seu trabalho, vasado em moldes elevados, revela uma pujante inspiração, que se desenvolve com admiravel homogeneidade em todos os tempos. O novo quartetto realizará um concerto a 1 de Fevereiro proximo, dedicado aos compositores brasileiros, figurando no programma, intelligentemente elaborado, uma "Sonata fantasia",

para violino e piano, de Paulo Florence, uma berceuse para violino, de Francisco Braga, um andante para cordas de Alexandre Levy, uma "Dansa caracteristica", de Barroso Netto, o "Quartetto em lá menor", de Ezequiel Ramos Junior, um "intermezzo", do mesmo compositor, duas peças de Arthur Napoleão e duas do Leopoldo Miguez.

E' uma iniciativa digna de applausos e que, certamente, terá bom acolhimento por parte da culta sociedade paulista.



Antonietta de Souza

Alcançou grande successo em seu segundo concerto, realizado no salão do Conservatorio, a brilhante cantora d. Antonietta de Sousa, premio de viagem á Europa pelo Instituto Nacional de Musica, do Rio de Janeiro.

O auditorio applaudiu entusiasticamente a talentosa artista, principalmente na grande aria do *Propheta*, de Meyerbeer, *O mio Fernando da Favorita*, de Donizetti, *Ne me refuse pas da Herodiade*, de Massenet e *Amour viens aider ma faiblesse*, de Saint-Saëns. Nessas peças, foram amplamente ostentados os seus poderosos recursos vocaes, capazes de tornal-a uma figura notavel no theatro lyrico, ao qual se vai dedicar com todo o fulgor de seu impetuoso temperamento.

Chamada á scena repetidas vezes, sob uma tempestade de applausos, d. Antonietta cantou varias peças fóra do programma, entre as quaes a inspirada composição *Diamantes*, da interessante collecção *Pedras Preciosas*, de Carlos de Campos, com versos de Luiz Guimarães Filho.

Assistiram ao concerto os drs. Washington Luis, presidente do Estado, e Carlos de Campos, futuro presidente.



Leontina Kneese

Deu-nos o prazer de sua visita a distincta cantora brasileira d. Leontina Kneese, possuidora de uma legitima voz de contralto e que deixou as mais gratas recordações em S. Paulo, onde, ha alguns annos, se exhibiu como discipula do saudoso professor Paulo Taglia-

ferro, conquistando elevado conceito entre os apreciadores de musica.

D. Leontina Kneese aperfeiçoou os seus estudos na Europa, estudando no Conservatorio de Paris com Mme. Richard e no de Milão com Alberto Sarti, tendo tambem feito estudos especiaes com mestres allemães.

Realizará um concerto a 20 de Fevereiro proximo, no salão do Conservatorio, para o qual organisou um programma a capricho, constituido de lieder de Schumann, Schubert, Liszt e Haendel, de uma collecção de compositores brasileiros e outra de modernos auctores russos.

Antes de sua apresentação em S. Paulo, far-se-á ouvir em Santos e Campinas.



Andino Abreu

A Sociedade de Cultura Artistica proporcionou-nos ensejo de apreciar, em seu 145.º sarau, realizado no Theatro Municipal, um barytono brasileiro de alto valor, que sabe pôr os seus recursos vocaes ao serviço de uma excellente escola, superiormente orientada, sem ter recebido o baptismo dos centros europeus. Verdadeiro especialista em musica de camera, Andino Abreu canta admiravelmente e caracteriza-se por uma quasi exagerada sobriedade, de que o seu temperamento e o seu espirito artistico não o deixam afastar-se. A sua emissão é absolutamente natural e o seu canto esplendidamente articulado, de modo a obter uma dicção impecavel.

Agradou-nos no modo como soube estylisar os oratorios de Haendel e de Haydn e na interpretação que deu aos compositores francezes, russos e italianos; mas foi, sobretudo, nas peças brasileiras de Araujo Vianna e Paulo Florence, que o seu successo se tornou maior. A' excepção de Vera Janacopulos, Larrigue de Faro e Alberto Guimarães, não nos occorre á memoria outro artista de tão pura dicção em Portuguez.

A' vista do successo do seu recital na Cultura Artistica, Andino Abreu organisou um outro para o dia 25 do corrente, no Salão Germania, com um optimo programma.

EXTERNATO MOURA SANTOS

(Autorisado pela Directoria Geral da Instrucção Publica)

CORPO DOCENTE: Maximo de Moura Santos (professor normalista se undario, pharmaceutico e graduado em odontologia) — Lydia de Moura Santos (professora normalista, esposa do director) — Dr. Benjamin Pinto (lente da Escola Normal e professor de mathematica) — Dr. Oliveira Fausto (lente da Escola Normal e Escola C. Alvares Pentead, traductor juramentado, professor de linguas, autor de compendio adoptado na Normal e Gymnasio) — Pharmaceutico Theodoro Migliano (director do Laboratorio de Microbiologia do Hospital do Braz e do Laboratorio de Analyses Chemicas e Microscopicas do dr. Migliano) — Professor Romulo Pero (ex-vice-director da Escola Normal de Botucatu).

O Externato dispõe de esqueleto, grande numero de ossos e craneos, laboratorio de chimica, collecção de mappas geographicas e de historia natural, microscopio, enfim, material apropriado para ensino efficiente.

As matriculas estão abertas em Janeiro, de 10 ás 11 e de 17 ás 18 e as aulas para os novos alumnos recommençam em Fevereiro, havendo selecção na escolha dos mesmos.

Exames parcellados de quaesquer materias — Admissão ao Gymnasio — Admissão ás escolas normaes — Admissão ás escolas de Pharmacia e Odontologia — Aulas de primeira série de Pharmacia e Odontologia, bem como de segunda série, á noite, para alumnos que fazem esse curso sem frequentar as escolas.

PEDIDOS DE INFORMAÇÕES E DE PROSPECTOS SOMENTE EM JANEIRO — MATRICULA EM 1922, 84 ALUMNOS — MATRICULA ACTUAL — 187 ALUMNOS.

87, RUA DO CARMO, 87 — Telephone Central, 5-1-7 — S. PAULO

N. 224 - Anu XII - 25.1.1924

O que se

1.º — C
rureto de
cto quasi
2.º —
da de acid
bem a m
(Depois os

REQUERIMENTO N. 556, DE 1925

Requeiro ao exmo. sr. Prefeito, se digne de dar ao primeiro grupo de ruas que forem abertas no perimetro urbano os seguintes nomes de insignes maestros, pioneiros e cultores da arte musical no nosso paiz e na nossa cidade:

Maestro Alexandre Levy — Leopoldo Miguez — Francisco Manuel — Alberto Nepomuceno — Padre José Mauricio — Elias Lobo — Antonio Carlos — Assis Pacheco — Henrique Oswald — Francisco Braga — Menelau de Campos — João Gomes de Araujo — João Gomes Junior — Felix de Otero — Francisco Mignone — Heltor Villa Lobos — Glauco Velasquez — Gulo-mar Novaes — Antonieta Rudge — Sousa Lima — Alice Serva — Vi-

ctoria Serva Pimenta — Lucia Branco e Gelasio Pimenta.

Sala das sessões, 14 de novembro de 1925. — Orlando de Almeida Prado — A' Prefeitura.

NOTICIAS DIVERSAS

NOMENCLATURA DAS RUAS

UM REQUERIMENTO INOPORTUNO — DOIS CRITERIOS — QUAL DELLES ESTA' EM VIGOR — GENTE ESQUECIDA E GENTE LEMBRADA DEMAIS

O problema da taxonomia das ruas da cidade continúa a merecer dos nossos vereadores contribuições valiosas.

Ainda, ante-hontem, foi apresentado á Camara um requerimento em que se pedia ao sr. prefeito se digne "de dar ao primeiro grupo de ruas que forem abertas no perimetro urbano os seguintes nomes de insignes maestros, pioneiros e cultores da arte musical no nosso paiz e na nossa cidade: (segue uma lista de duas duzias de nomes de pessoas de ambos os sexos, musicos e musicistas, mortos e vivos).

Ha duas maneiras de receber essa noticia, conforme o criterio que se suppõe esteja em vigor para o emplaceamento das ruas.

Se o criterio continúa a ser o que orientou até pouco, baseado nas preferencias politicas e que permitia se avolumasse, mensalmente, o acervo de ruas com nomes de illustres desconhecidos, candidatos á parentela com o "soldado" de todas as nações, não sabemos em, que possa lisonjear a validade dos escolhidos ou de suas famílias.

Durante o tempo em que o criterio vigorou — e nós suppunhamos que ainda estivesse em exercicio — só soubemos de uma impugnação: foi quando alguem se lembrou de propôr o nome de Emilio de Menezes, fallecido pouco antes, para uma das ruas da capital, projecto este que soffreu a opposição de um vereador que conseguiu, com isso, ganhar uma ephemera nomeada.

Se o criterio, porém mudou — e a crêr nisso nos autorisam os proprios termos em que se fundamenta o requerimento — então, entendemos menos.

Sim, porque na lista ha nomes de maestros fallecidos, que deixaram renome, como Alexandre Levy, Francisco Manuel, Alberto Nepomuceno, Leopoldo Miguez e outros e que fazem já á consagração modesta, na hypothese de que, dóravante, o nome das ruas passe a consti-

tuir um premio aos que elevam o nome do paiz.

Mas, outros ha — e são a maioria — para os quaes a consagração é apressada e precipitada.

Não se nega, com isso, o merecimento das pessoas, que ha alli compositores e artistas de bom quillate e a respeito dos quaes esta folha já externou a sua opinião em termos que não admittem duvidas.

Mas do reconhecimento do valor dessa pleiade de artistas ao applauso da medida que os emplacea no alto das esquinas, vae differença.

E justamente a differença que implicaria para nós em repudiar a these que sempre hemos sustentado e que continuamos a sustentar: o nome das ruas deve ser uma homenagem posthuma e só em raros casos, em casos excepcionaes pôde ser concedida em vida, apenas quando justifique o desvio da boa norma a realização de actos e factos que, por aberrarem da bitola commum, demandem, pela sua altura e pelo seu brilho, a celebração immediata do acontecimento.

Fôra dahi, nós poderemos perfeitamente continuar a recorrer á botanica, á geographia, ás lendas, e principalmente á historia como mananciaes inesgotaveis da nomenclatura da cidade.

Ainda ha centenas de nomes de bandeirantes, desses heróicos e grandiosos vultos que souberam tornar nulla a linha demarcada pelo tratado de Tordesillas e que nos deram a patria com a extensão, que possui hoje e que aguardam, entretanto, a lembrança de seus feitos ao menos com o nome de uma rua da grande capital que o seu esforço permitia fosse criada.

Essa medida seria muito mais digna de applausos do que estas lembranças de "emplacar" um bando de senhores e senhoras, cujo julgamento definitivo ainda não está feito, mesmo porque muitos delles nem sequer idade têm para aspirar ao galardão com que lhes acena a Edilidade.

ven, de Nicolai, Concerto em sol menor, op. 25, de Mendelssohn, para piano e grande orquestra, tendo como solista seu irmão Luiz Levy, também considerado como notável pianista dessa época; "Air de Ballet" das "Scènes Pittoresques", de Massenet, e outras obras de folego, introduzidas pela primeira vez no Brasil.

Antes de partir para a Europa, Levy deu o último concerto do Clube Haydn, em 1837, com a execução da "Polonaise" de Chopin, op. 22, completa, com acompanhamento de quinteto de cordas.

A interpretação primorosa dessa composição valeu-lhe uma ovação da assistência.

Com a partida da alma do Clube Haydn, com grande pesar dos cultores da boa música, dissolveu-se essa grande divulgadora dos mestres da divina arte.

Em Paris, como se achava em férias o Conservatório, teve Levy como professor Emile Durand, que o considerava muito.

Ao mostrar-lhe suas composições, impressas no Brasil, recebeu do mestre francos elogios, dizendo-lhe este que lhe agradavam muito.

Com Ferroni, obteve, também, lições, procurando o professor italiano no levatório à Itália, e matriculá-lo no Conservatório, o que, por motivos imprevistos, não pôde Levy aceitar.

Fora, entretanto, convidado para a recepção que a família Barão de Arinos fizera a D. Pedro II e sua comitiva, tendo-se feito ouvir, com grande sucesso, nessa reunião.

Frequentou grandes concertos, em Paris, na "Opera", Opera "Comique" e outras organizações notáveis da Arte Francesa; os "Lamoureux", "Colonne"; assistiu ao centenário do "D. Juan" sob regência de Gounod e a grandes execuções dos mestres

As saudades da terra, contudo, fizeram-lhe vir à memória a velha canção popular "Vem cá Bitú" e daí a idéia das "Variations sur un thème populaire brésilien" que hoje se encontram, do original, para piano, transcritas, para orquestras, por mestres como Leopoldo Miguez, brasileiro, Bernardo Moreira de Sá, português, e o nosso grande regente Hehllich, alemão, atualmente residente na capital.

Esse trabalho, dedicou-o a seu antigo mestre Wertheimer.

CARTORIO SEBASTIÃO MEDEIROS REGISTRO DE TITULOS E DOCUMENTOS

Contratos de aluguel de casas - Locação de serviços - Vendas com reserva de domínio - Contratos de construção - Cartas de fiança - Portarias de naturalização e permanência de estrangeiros - Estatutos de sociedades civis ou religiosas Matrículas de jornais e oficinas impressoras - Quaisquer documentos particulares para sua conservação, multiplicação ou validade contra terceiros - SERVIÇO PERFEITO E RÁPIDO DE NOTIFICAÇÕES E AVISOS.

RUA MIGUEL COUTO, 24
Travessa do Grande Hotel
TELEFONE 3-7676
Aberto de 8 às 17 horas
Substituto:
J. Figueiredo TORRES

2as 4as 6as n. o.

tra, peça, descritiva com poema de Quesian, considerada como obra prima, da qual existe em arranjo para dois pianos.

Outro monumento artístico é a "Suite Brésilienne", para orquestra, composta de - Prelúdio, Dança Rustica - Canção triste - A beira do Regato - Samba - na qual são intercalados trechos populares brasileiros, então em voga.

Sua "Schumanniana", peça de final de trabalho, para piano, constitui trabalho de valor, consagrado à memória do pranteado mestre alemão.

Grande admirador de Wagner, começou Levy a estudar o alemão, unicamente para ouvir as notáveis obras do mestre, em seu teatro de Bayreuth.

Foi crítico musical do "Correio Paulistano", desta capital, e possuía seleita biblioteca musical e literária.

Era um dos proprietários da antiga "Casa Levy", de músicas e pianos.

Em 1.º de Abril de 1889, pela primeira vez, foram representadas em alemão as obras de Stradella, seguindo-se e primeiro ato do Freischütz, sob a direção cenica de Stupakoff e orquestral de Levy, e a Martha, de Flotow, a qual, repetida várias vezes, atraiu grande concorrência, que ofereceu, ao compositor brasileiro, diversos milmos, entre os quais uma coroa de louros, pela brilhante regência dessas conhecidas operas.

Os amadores, que figuraram nessas representações, faziam parte de conhecidas agremiações teatras, entre as quais a sociedade "Lyra".

Um de seus últimos trabalhos foi o Trio, do qual nos resta apenas o esboço do Final.

Infelizmente, Levy não pôde ver impressa grande parte de suas composições e, tirante o Samba, que foi executado, com grande sucesso, no Rio, não ouviu suas melhores produções para orquestra.

Alexandre Levy faleceu repentinamente em 17 de janeiro de 1892, na cincoenta anos e suas composições acham-se esgotadas; mas, serão reimpresas, conforme nos declarou o seu unico irmão sobrevivente, o sr. dr. Mauricio Levy.

Para terminar, transcrevemos o que, sobre Levy escreveu o grande compositor brasileiro, Leopoldo Miguez:

"Quando na poetica Italia, na expansiva França e na culta Alemanha forem ouvidas a sua grandiosa "SYMPHONIA", a sua admiravel "SUITE BRÉSILIENNE", a sua inspiradissima COMALA e tantos outros produtos da sua elevada imaginação e lhe renderem o preito devido ao seu prodigioso talento, o Brasil poderá então aquilatar a perda ingente que acaba de sofrer!"

FORUM CRIMINAL

A favor de Elpidio Alves de Freitas, condenado por ferimentos leves, foi concedido o benefício do "sursis".

Processados por ferimentos leves, Justino dos Santos e Iracema Costa foram absolvidos por deficiência de provas.

Vicente Radzevicius e Genesio Antonio foram condenados por ferimentos leves, a 7 meses e meio e 3 meses de prisão, respectivamente.

FALENCIAS

O juiz adjunto da 1a. vara decretou a falencia de Julio Roval, estabelecido à rua Carijós, nesta capital, nomeando síndicos os credores Italo Adami & Comp.

Pelo juiz adjunto da 3a. vara foi declarada aberta a falencia de C. Picinini, estabelecido à rua Couto de Magalhães, nesta capital.

Foi declarada aberta pelo dr. Aldo de Assis Dias, juiz adjunto da 7a. vara, a falencia de Adolfo Horvath, estabelecido à rua Duque de Caxias.

OS SOBRADOS

Os sobrados constituiram a maioria das construções, com quatro mil de dois andares. Com 3 pavimentos já não chegaram a ser construídos cem edificios, e com mais de 10 pavimentos houve 27, ou sejam, outros tantos arranha-ceus. O elevado custo do terreno, determina essas grandes construções no centro, sendo que existem hoje modalidades curiosas de construção, uma das quais consiste na exploração de um imóvel durante dez ou quinze anos, e terminado esse prazo é entregue ao dono do terreno ou predio an-

do o terreno é renovado. Mas não foi ali onde ficou mais. Do confronto das construções por distritos, resta que houve decidida preferência pelos terrenos onde foram feitos dos melhoramentos urbanos, mo água, luz e esgotos, e onde lotes não custam muito caro, sim, logo a seguir ao Jar. America, onde nos primeiros meses de 1911 foram edificadas 484 prédios, figura o bairro Moóca, com 383. em sua maioria residencias modestas. Foi ali se construíram grandes grupos destinados à venda em pequenas prestações. Vêm, depois, o di-

Adquirido pelo governo o navio germanico

O Lloyd já tomou posse do barco, que está giado no porto de Santos

SANTOS — O navio mixto "Windhuk" não é mais germanico. Desde ontem, á tarde, arvora o pavilhão nacional na popa e o "jack" do Lloyd Brasileiro na proa. Passou ao domínio da União, sem que antes fosse revelado qualquer detalhe sobre o acontecimento, que teve larga repercussão nos meios marítimos locais, tão pronto ele foi conhecido.

ESTA HA MAIS DE DOIS ANOS NO PORTO

O "Windhuk" tem uma história curiosa. Aportou a Santos na manhã de 7 de dezembro de 1939, vindo de Lobito, na Africa Oriental Portuguesa, depois de uma viagem demorada e feita com toda cautela. Cento e oito dias gastou o navio daquele porto africano ao nosso. E chegou camuflado, trazendo as chaminés pintadas á moda dos navios de conhecida armadora japonesa. Toda a viagem ele a realizou disfarçado em navio nipônico, tanto que, ao aproximar-se de Santos, a tripulação deu-se pressa em apagar o nome de "Santos Maru", que trazia na popa e de mudar a bandeira japonesa pela germanica. Entre seus tripulantes havia inúmeros chineses. Trouxe cerca de 50 passageiros, todos de nacionalidade alemã, os quais foram desembarcados dias depois, seguindo para a capital do Estado, onde ainda devem permanecer, á expensas do consulado germanico.

O "Windhuk", pois, está refugiado no porto há dois anos e 38 dias.

COMO SE VERIFICOU O ATO

As 1440 horas, em lancha da Alfandega, deixaram o cáis, rumo ao "Windhuk", os srs. capitão de mar e guerra Adalberto Cotrin Coimbra, capitão dos Portos; dr. Clovis Washington, inspetor da Alfandega; Henrique Soler, guarda-mór; José Guerra Figueiredo, ajudante de guarda-mor e dr. J. Cruz Seco, inspetor-chefe da Polícia Marítima.

Na mesma embarcação viajou o capitão Marx Laussane Friend, da marinha mercante nacional, designado pela direção do Lloyd Brasileiro para assumir o comando do "Windhuk", bem como o sr. Luiz Fernandes da Silva, que

exercerá as funções de imediato. No portolão, as autoridades cionais foram recebidas pelo sul da Alemanha, sr. Oto Uebel, pelo comandante e oficiais do barco germanico.

Procedeu-se a rápido exame do maquinário e, depois, todo dirigiram para a popa do navio onde formaram os remanescentes da tripulação. O imediato "Windhuk" arriou o pavilhão germanico e, nesa ocasião, os marujos teutos fizeram a dação do seu país. Após, o imediato Luiz Fernandes da Silva subiu a bandeira brasileira, só os brasileiros, mas, todos os alemães de bordo taram continência ao pavilhão Brasil.

Entregue o "Windhuk" ao consul Oto Uebele, o comandante Marx Friend disse, que, como comandante, saberia honrar as tradições do navio.

O "WINDHUK" VAI RECEBER GUARNIÇÃO NACIONAL

O "Windhuk" (certamente seberá nova guarnição) vai receber dentro de poucas horas guarnição brasileira, pois a só estão o comandante e o diato nacionais, que chegar

Preparação e lher americano

Apoio da Comissão Conferencia

BUENOS AIRES — A sra. Marginez Guerrero, em nome da missão Inter-Americana de res enviou uma mensagem de ferência dos Chanceleres, in ontem no Rio de Janeiro, so do sua intervenção em favor ferida organização, com a declaração: "A Comissão Inter-Americana Mulheres, por intermédio de legados oficiais, soube interpretar o sentimento da mulher trabalhando em benefício da humanidade e da defesa cont e em consequência a Confere